

# SANTO ATANÁSIO



A ENCARNAÇÃO DO VERBO

## **FONTE DO TEXTO**

*academia.edu*

## **Imagem da Capa**

*Diocese de Blumenau*

Texto extraído do Vol. 18, «SANTO ATANÁSIO», da coleção "Patrística",  
editada por "PAULOS"

## A ENCARNAÇÃO DO VERBO

### PREÂMBULO

Por volta de 320, antes mesmo de seu episcopado e da controvérsia ariana, Atanásio, ainda jovem diácono, teria composto sua primeira obra, uma apologia em dois livros intitulada: Discurso contra os pagãos e Sobre a encarnação do Verbo. É um tratado redigido segundo todas as regras da arte. Estes dois títulos são freqüentemente aceitos como compondo uma obra única em dois volumes. O primeiro livro é uma refutação do paganismo. O segundo, isto é, Sobre a encarnação do Verbo, pode ter sido escrita depois de um intervalo, pois apresenta algumas diferenças de posições, explica as razões da encarnação e a demonstração do cristianismo. No centro da história está a cruz e a ressurreição de Jesus: “A redenção não é obra de um morto, mas de um vivo que é Deus”.

A encarnação sublinha, contra judeus e pagãos, a fraqueza humana e a iniciativa divina do Verbo e é, sem dúvida, sua obra mais original e significativa.

Sua datação, a de 320, não é segura porque não há nela nenhuma referência clara à controvérsia ariana. Ário negava a consubstancialidade do Pai e do filho, afirmando, pelo contrário, que o Verbo — embora superior às criaturas — é inferior ao Pai. Mas, como também as Cartas Festivas (Pascais) não mencionam Ário e sua doutrina, antes de 338, muitos estudiosos preferem a data de 335 ou 337 para a redação da Encarnação do Verbo. Outro elemento da argumentação para uma data mais tardia é a sua relativa dependência da Teofania de Eusébio de Cesaréia, escrita por volta de 333. O certo é que, devido especialmente a esta obra, Atanásio é considerado o pioneiro da nova teologia da trindade. Defensor da tradição eclesial, está muito menos aberto às sugestões provenientes da filosofia. Enquanto os arianos sustentavam que o Logos é uma criatura trazida à existência antes da criação do mundo, como prelúdio da obra criadora de Deus, Atanásio ensinava que ele é plenamente divino e coeterno ao Pai. Defendia a igualdade de natureza, de substância e de dignidade com o Pai. Atanásio diz que a essência do Pai com toda a bondade, sabedoria e poder

que lhe pertencem é, necessária, plena e eternamente, comunicada ao Filho. O que é reservado ao Pai é seu título de Pai e sua posição como origem última de todas as coisas.

Ário sustentava que o Filho era uma criatura, um produto da vontade do Pai. Atanásio contestava: o nome de “Filho” encerra o conceito de ser gerado. Ser gerado não significa provir da vontade do Pai, mas da substância do Pai. Em conseqüência, o Filho de Deus não pode ser chamado apenas criatura do Pai, visto que tem com ele a plenitude da divindade. Deus sendo espírito é indivisível, sua geração portanto, é comparada com a irradiação da luz do sol, ou exteriorização do pensamento que vem da alma. Pai e Filho são dois, mas têm a mesma natureza. Quando Jesus diz: “O Pai é maior do que eu”, não revela, como dizia Ário, a superioridade do Pai sobre o Filho, mas significa: o Pai é a origem, o Filho, a derivação (3,3; 4).

A doutrina de Atanásio acerca do Logos, enraíza-se na idéia de Redenção. Assim ele afirma: não teríamos sido resgatados se Deus mesmo não houvesse assumido nossa natureza humana. Portanto, se Cristo não fosse Deus. O Logos, que é Deus, unindo-se à natureza humana, divinizou a humanidade. Se fosse Deus, não por natureza, mas por participação, não teria podido comunicar essa divinização. Graças à encarnação, a alma é regenerada, criada de novo à imagem de Deus (Sobre a enc. 14). O homem é renovado . Não é o corpo somente, mas o homem inteiro que tem necessidade de redenção. Só um Deus podia nos resgatar “Uma criatura não podia unir a criatura a Deus; uma parte da criação não pode alcançar a salvação à criação, ela mesma tendo necessidade de salvação (Contra arianos II, 69). Uma criatura não teria podido criar. Uma criatura não podia de modo algum nos resgatar” (Ad Adelphium, 8: Ad Maximum, 3).

A cristologia de Atanásio proclama o Verbo divino operante em três âmbitos: Ele é eternamente unido ao Pai; governa o mundo que criou como Logos; no tempo oportuno, nasce como homem e se une à nossa estirpe. Seu significado é universal, e é evidente que ele tomou o corpo de um homem individual ( Sobre a encar. 9, 17,42)., o santificou, realizou através dele milagres e o ofereceu em sacrifício. Sublinhando o corpo humano ou a carne de Cristo, Atanásio pode apresentar a ínfima natureza humana como capaz de salvação, enquanto platônicos afirmavam que só a alma racional

sobreviveria. Contudo, alguns apontam para uma fraqueza de sua cristologia, pois ele jamais afirma que o Verbo assumiu uma alma humana, enquanto outros dizem que esta lacuna é parcialmente preenchida com a atribuição de experiência cônica à “carne”.

## INTRODUÇÃO

### Unidade da obra divina

1.1. Na obra precedente, tratamos suficientemente apenas de mínima parte de vasta matéria: o erro e o temor supersticioso dos gentios relativamente aos ídolos, e a invenção primitiva deste erro, pois a malícia dos homens induziu-os a conceber a idolatria. Além disso, com a graça de Deus, demos algumas indicações sobre a divindade, a providência e o poder universais do Verbo do Pai. O Pai, em sua bondade, por meio dele tudo ordenou, por ele tudo move e nele vivifica (cf. At 17,28a). Vamos prosseguir, caríssimo e verdadeiro amigo de Cristo, e, de acordo com a fé de nossa religião, narrar cuidadosamente a encarnação do Verbo, e expor a epifania divina em nosso favor. Os judeus a caluniam, os gregos dela zombam (cf. 1Cor 1,22), quanto a nós, nós a adoramos. Desta forma, a aparente humilhação do Verbo, ao invés, dar-te-á relativamente a ele piedade maior e mais intensa.

2.Com efeito, quanto mais a ridicularizam os infiéis, tanto mais se atesta a sua divindade. De fato, o Verbo revela a possibilidade do que os homens não admitem e julgam impossível, zombam e reputam inconveniente, mas ele mostra ser perfeitamente adequado à sua bondade. O Verbo por seu poder revela ser divino (cf. 1Cor 1,22.24) aquilo de que se ri a sabedoria dos homens, tendo-o por fraqueza humana. A pretendida humilhação da cruz derruba os ídolos ilusórios. Converte ocultamente os zombadores e descrentes e faz com que nele reconheçam divindade e poder.

3.Faz-se mister, em vista desta exposição, recordar o que dissemos mais acima, a fim de conheceres a causa da manifestação corporal deste Verbo do Pai, tão grande e poderoso, e não cogitares ter sido por consequência natural que o Salvador teve um corpo; ao invés, embora seja por natureza incorpóreo e Verbo, devido à filantropia e bondade do Pai e em prol de nossa salvação, manifestou-se num corpo humano.

4.Convém, portanto, ao enunciar essas questões, falar primeiro da criação do universo e de Deus Criador, para em seguida poder contemplar

devidamente a renovação operada pelo Verbo que tudo criara no princípio. Não se encontrará contradição alguma no fato de que o Pai opera a salvação da criatura por meio do mesmo por quem ele a fizera.<sup>[1]</sup>

## CAPÍTULO I

### OS ANTECEDENTES DA ENCARNAÇÃO DO VERBO: CRIAÇÃO E QUEDA DO HOMEM

2.1. Muitas e diversas foram as explicações a respeito da produção do mundo e da criação do universo. Cada qual a descreve a seu bel-prazer. Uns pretendem ter sido produzido espontânea e fortuitamente; assim os epicureus que inventam não haver providência, e se exprimem de forma contrária a toda evidência.

2. Se, conforme sua opinião, tudo foi resultado de geração espontânea e fora da atuação da providência, forçosamente os seres todos seriam por inteiro semelhantes, sem diferença alguma. Então, se houvesse um só corpo celeste, seria todo sol ou lua, e no homem, o corpo inteiro devia ser mão, olho ou pé. No entanto, assim não é, e vemos de um lado o sol e de outro a lua ou a terra; igualmente no corpo humano, distinguem-se o pé, a mão, a cabeça. Essa distribuição leva-nos a compreender que não existe geração espontânea. Demonstra ter uma causa presidido à origem dos seres. Daí chegamos a entender que Deus distribuiu e criou todas as coisas.

3. Outros, entre os quais Platão, tão grande entre os gregos, opinam que Deus fez o mundo, tomando como ponto de partida matéria preexistente e ingênita; Deus nada teria podido fazer sem esta matéria preexistente, da mesma forma que o carpinteiro necessita de madeira para poder trabalhar.

4. Ao se exprimirem deste modo, não sabem que atribuem fraqueza a Deus. Efetivamente, se ele não é autor da matéria, mas tudo faz de matéria preexistente, mostra-se fraco, visto que sem ela é incapaz de fabricar seja o que for, como seria incapacidade no carpinteiro, sem dúvida alguma, não conseguir fabricar objetos necessários se não dispuser de madeira. Segundo tal hipótese, se não existisse matéria, Deus nada teria feito. E como se diria ser ele o Criador e o demiurgo, se a possibilidade de criar dependesse de outra coisa, isto é, da matéria? Se assim fosse, Deus seria apenas artífice e não Criador que dá o ser, uma vez que trabalharia a matéria dada, e não seria a própria causa desta matéria. Numa palavra, não se pode afirmar que é Criador, se não cria a matéria da qual provém as criaturas.



5. Os hereges imaginam um demiurgo diferente do Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, dando provas de extrema cegueira em suas asserções. Pois quando o Senhor disse aos judeus: “Não lestes que desde o princípio o Criador os fez homem e mulher? e que disse: Por isso o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher e os dois serão uma só carne?” (Mt 19,4a). Em seguida assinala o Criador, nesses termos: “Portanto, que o homem não separe o que Deus uniu” (Mt 19,4s). Como supor uma criação alheia ao Pai? São João resume tudo numa só palavra: “Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito” (Jo 1,3). Como haveria outro demiurgo além do Pai de Cristo?

3.1. São estes os seus mitos; o ensinamento divino, porém, e a fé em Cristo rejeitam, qual impiedade, esses vãos discursos. Não foi espontaneamente, por falta de providência, que nasceram os seres, nem de matéria preexistente, devido a fraqueza em Deus, mas do nada Deus por seu Verbo criou e trouxe à existência todo o universo, antes inexistente. Como disse Moisés: “No princípio, Deus criou o céu e a terra” (Gn 1,1) e o utilíssimo livro do Pastor: “Antes de tudo, crê haver um só Deus, que criou e organizou o universo e fez existir o que não era”.<sup>[2]</sup>

2. Paulo também o indica: “Foi pela fé que compreendemos que os mundos foram organizados pela Palavra de Deus. Por isso é que o mundo visível não tem a sua origem em coisas manifestas” (Hb 11,3).

3. Ora, Deus é bom, ou antes, é a fonte de toda bondade, e quem é bom a ninguém pode odiar. Por conseguinte, a ninguém recusaria invejosamente a existência. Criou do nada todas as coisas por meio de seu próprio Verbo, nosso Senhor Jesus Cristo. Apiedou-se mais do gênero humano do que dos demais seres existentes na terra, e vendo que ele era incapaz, pela lei de sua própria natureza, de subsistir para sempre, concedeu-lhe algo mais; não se contentou com criar os homens, conforme fizera a todos os animais irracionais da terra, mas criou-os à sua imagem, fazendo-os partícipes do poder de seu próprio Verbo. Assim, possuindo uma espécie de sombra do Verbo, e sendo racionais, os homens poderiam permanecer na bem-aventurança, vivendo no paraíso a verdadeira vida, que realmente possuem os santos.

4. Além disso, ciente de que o livre-arbítrio do homem inclina-se num ou noutro sentido, adiantou-se, e consolidou pela lei e em determinado lugar, a graça que já lhe havia outorgado. Introduziu-o, efetivamente, no paraíso e impôs-lhe uma lei. Se os homens conservassem a graça, permanecendo na virtude, teriam no paraíso vida isenta de tristeza, dor, preocupações, além da imortalidade prometida nos céus. Se, ao invés, transgredissem essa lei e dela se desviando se pervertessem, ficassem sabendo que, de conformidade com a sua própria natureza, esperava-os a corrupção da morte, deixariam de viver no paraíso, sendo dali expulsos para morrer e ficariam doravante sujeitos à morte e à corrupção.

5. A Sagrada Escritura o assinala previamente, referindo a palavra de Deus: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer” (Gn 2,16.17). “Terás de morrer” não significa apenas: Morrereis, mas permaneceréis sujeitos à corrupção e à morte.

4.1. Possivelmente ficarás admirado de que, ao nos propormos falar da encarnação do Verbo, tratemos agora da origem do homem. Entretanto, o assunto não é estranho à finalidade de nossa exposição.

2. De fato, ao nos referirmos à ação do Senhor entre nós, necessariamente temos de falar também da origem do homem. Assim, ficarás ciente de ter sido nossa condição o motivo de sua descida, e de que a transgressão atraiu a filantropia do Verbo, de sorte que o Senhor veio e apareceu entre os homens.

3. O homem foi o motivo da encarnação, e por sua salvação, o Verbo amou o homem até nascer e manifestar-se com um corpo.<sup>[3]</sup>

4. Por conseguinte, Deus criou o homem, e queria para ele incorruptibilidade perdurável. Mas, os homens por negligência, abandonaram a contemplação de Deus, e conforme afirmamos no primeiro livro, conceberam e imaginaram a maldade. Por isso foi proferida a sentença de morte de que tinham sido ameaçados, e de então em diante cessaram de subsistir tais quais haviam sido feitos; corromperam-se em seus pensamentos e a morte subjuguou-os, reinando sobre eles. A transgressão do mandamento os reconduziu ao seu estado natural, e assim

como haviam passado do nada ao ser, era justo que doravante fossem sujeitos no decurso do tempo à corrupção, propensa ao nada.<sup>[4]</sup>

5. Uma vez que antes nada eram por natureza, e a presença e a filantropia do Verbo os chamou ao ser, conseqüentemente, alheios ao pensamento de Deus, e voltados para o nada (pois o mal é não-ser, e o bem é ser, saído das mãos de Deus, que é), os homens foram privados do ser, que seria eterno. Isto é o que significa, dissolvido o composto humano, permanecer na morte e na corrupção.

6. Com efeito, por natureza o homem é mortal, pois foi feito do nada. Mas, se tivesse, pela contemplação de Deus, conservado a semelhança com aquele que é, teria diminuído a força da corrupção natural e se conservado incorruptível, conforme assevera a Sabedoria: “O respeito das leis é garantia de incorruptibilidade” (Sb 6,18). E sendo incorruptível, teria no futuro vivido como Deus, segundo o indica certa passagem da Sagrada Escritura: “Eu declarei: ‘Vós sois deuses, todos vós sois filhos do Altíssimo; contudo, morrereis como homem qualquer, caireis como qualquer dos príncipes’ ” (Sl 81,6-7).

5.1. Ora, Deus não apenas nos tirou do nada, mas pela graça do Verbo, fez-nos viver segundo Deus. Os homens, contudo, se desviaram dos bens eternos, e por instigação do diabo voltaram-se para as coisas corruptíveis, tornando-se deste modo para si mesmos causa de morte. Conforme acima assegurei, eram por natureza corruptíveis, mas pela graça da participação do Verbo, teriam escapado desta condição natural, se tivessem permanecido bons.

2. Com efeito, pela presença do Verbo, a corrupção natural não os teria tocado, como afirma a Sabedoria: “Deus criou o homem para a incorruptibilidade e o fez imagem de sua própria eternidade; é por inveja do diabo que a morte entrou no mundo” (Sb 2,23-24). Por conseguinte, os homens morreram e a corrupção desencadeou contra eles desde então toda a sua força; teve contra o gênero humano forças superiores às da natureza, tanto mais que podia apresentar contra eles o veredicto divino que pesava sobre a transgressão do mandamento.

3. Os homens, contudo, ao pecarem, não se detiveram em certos limites, mas avançando pouco a pouco, ultrapassaram finalmente qualquer medida. No começo, inventaram o mal e invocaram contra si a morte e a corrupção. Em seguida, se desviaram para a injustiça e superaram toda espécie de iniquidade. Não se limitaram a um só pecado, mas inventaram sempre novos delitos de acréscimo, tornando-se insaciáveis relativamente ao pecado.<sup>[5]</sup>

4. Difundiram-se adultérios e roubos e toda a terra se encheu de morticínios e rapinas. Com a lei, ninguém se preocupava, no atinente à corrupção e à injustiça. Todos, individualmente e em comum, cometiam toda espécie de pecados. Cidades guerreavam entre si, nações se insurgiam contra nações, a terra estava dilacerada por sedições e batalhas; todos rivalizavam em iniquidade.

5. Nem mesmo se abstinham do que é contra a natureza, conforme afirma o Apóstolo, testemunha de Cristo: “Suas mulheres mudaram as relações naturais por relações contra a natureza; igualmente os homens, deixando a relação natural com a mulher, arderam em desejo uns para com os outros, praticando torpezas homens com homens e recebendo em si mesmos a paga de sua aberração” (Rm 1,26-27).

6. 1. Ora, a morte exercia cada vez mais seu poder e a corrupção subsistia no meio dos homens. Desta forma, o gênero humano encaminhava-se para a perda. O homem racional, criado à imagem do Verbo, desaparecia e a obra de Deus ia se arruinando.

2. Efetivamente, como disse, por causa da lei, a morte continuava devastadora; impossível eliminar a sanção promulgada por Deus, por causa da transgressão. Era, de fato, absurdo e ao mesmo tempo inconveniente o que sucedia.

3. Seria incoerente que a palavra de Deus mentisse no caso de que, promulgada com toda certeza a lei de morte para o homem transgressor do preceito, este não morresse após a transgressão, mas ficasse sem efeito a sentença divina. Deus não seria verídico, se após ter declarado que haveríamos de morrer, de fato não morrêssemos.

4. Por outro lado, não convinha que, uma vez criados, seres racionais e partícipes do próprio Verbo perecessem e, corrompidos, voltassem ao nada.

5. Era incompatível com a bondade de Deus (cf. Rm 2,4s) que seres por ele criados fossem destruídos porque o diabo os havia enganado.

6. Aliás, teria sido de todo indigno fosse a arte empregada por Deus ao criar os homens destruída pela negligência destes, aliada à ilusão dos demônios.

7. Então, o que faria Deus, que é bom, uma vez que seres racionais pereciam e as obras divinas se precipitavam na ruína? Deixar a corrupção prevalecer sobre eles e a morte dominá-los? Mas, então, que necessidade havia de criá-los no começo? Era preferível não ser do que ser e perecer por abandono.

8. Se Deus se descuidasse, deixando perecer a obra que criara, manifestaria mais fraqueza do que bondade, bem mais do que se não houvesse criado o homem no princípio.

9. Se não houvesse criado, não estaria em causa sua fraqueza; mas visto que criou o homem, deulhe o ser, teria sido completamente absurdo permitir que percesse sua obra, sobretudo diante dos olhos do Criador.

10. Por conseguinte, não convinha deixar os homens serem arrebatados pela corrupção, por ser isto impróprio e indigno da bondade de Deus.<sup>[6]</sup>

7. 1. Como, porém, devia ser assim, era também oportuno, ao invés, manter o princípio da veracidade de Deus na legislação sobre a morte. Seria impensável que, para nossa utilidade e conservação, Deus, Pai da verdade, se mostrasse mentiroso.

2. Que devia, pois, acontecer? Que faria Deus? Exigir dos homens arrependimento da transgressão? Poder-se-ia afirmar ser isto digno de Deus. Da mesma forma que haviam os homens passado da transgressão à corrupção, voltassem do arrependimento à incorruptibilidade.

3. Mas, o arrependimento não salvaguardaria o que a Deus convinha; pois, uma vez mais, ele não continuaria verídico se os homens não ficassem sob o poder da morte. Além disso, o arrependimento não liberta das condições naturais, mas apenas põe termo aos pecados.

4. Se, portanto, fosse apenas a falta, sem a conseqüente corrupção, o arrependimento bastaria. Mas, uma vez que a transgressão adiantou-se e os homens se achavam sob o poder da corrupção devido a sua natureza, e privados da graça da conformidade com a imagem, que fazer ainda? De que precisavam os homens, senão do Verbo de Deus, que antes do começo criara todas as coisas do nada, a fim de obterem tal graça e restauração?

5. Competia-lhe reconduzir o corruptível à incorrupção, e salvar o que convinha ao Pai em todas as coisas. Ele, o Verbo de Deus, acima de tudo, era o único, portanto, capaz de refazer todas as coisas, de sofrer por todos, de ser em favor de todos digno embaixador junto do Pai.<sup>[7]</sup>

## CAPÍTULO II

### A ENCARNAÇÃO DO VERBO, VITÓRIA SOBRE A MORTE E O DOM DA INCORRUPTIBILIDADE

8. 1. Por esta razão, o Verbo de Deus incorpóreo, incorruptível, imaterial veio a nossa terra, embora dela não estivesse longe anteriormente (cf. At 17,27). De fato, ele não abandonou parte alguma da criação, mas tudo enche, permanecendo, contudo, unido ao Pai (cf. Ef 4,6-10). Mas, vem por condescendência, favorecendo-nos com sua filantropia e manifestação.

2. Vendo que o gênero humano racional se perde, e a corrupção da morte reina sobre ele; que a ameaça de Deus contra a transgressão conserva toda a força da corrupção contra nós, e seria inconveniente fosse a lei abolida antes de se ter cumprido; vendo ser inadequado fossem destruídas as obras de que ele é o demiurgo; vendo a maldade dos homens se tornar excessiva, e pouco a pouco ir aumentando, contra eles próprios, até se fazer intolerável; vendo todos os homens sujeitos à morte, ele teve piedade de nossa raça e misericórdia de nossa fraqueza; condescendeu com nossa corrupção e não suportou que a morte dominasse sobre nós, a fim não perecer a criatura nem se inutilizar a obra realizada por seu Pai, em benefício dos homens. O Verbo tomou, por isso, um corpo igual ao nosso.

3. Pois, não quis apenas estar num corpo, nem quis somente aparecer. Efetivamente, teria podido, se quisesse, apenas aparecer, ou realizar esta teofania através de um ser mais poderoso que o homem. Assumiu, no entanto, um corpo como o nosso e não o fez simplesmente, mas o quis nascido de uma virgem sem pecado, imaculada, intacta. Era puro (cf. 1Pd 1,18) o corpo, inteiramente alheio a qualquer união humana. Sendo poderoso e demiurgo do universo, na virgem para si edificou (cf. Hb 9,24) qual um templo, um corpo. Dele se apropriou, fê-lo um instrumento para se dar a conhecer e onde habitar<sup>[8]</sup>

4. E assim, de algo que é nosso, tomou um corpo semelhante ao nosso, e como todos estamos sujeitos à corrupção da morte, ele o entregou à morte, em prol de todos, apresentando-o ao Pai. Agiu desta maneira por filantropia. Desta maneira, uma vez que todos nele morrem, a sentença de corrupção proferida contra os homens será ab-rogada, após ter sido

inteiramente consumada no corpo do Senhor. De agora em diante não mais maltratará os homens, seus semelhantes. Ele reconduzirá à incorruptibilidade os homens que se haviam voltado à corrupção, vivificá-los-á, tirando-os da morte. Pela apropriação de corpo humano e pela graça da ressurreição, fará desaparecer, longe deles, a morte, qual palha no fogo.

9. 1. O Verbo, portanto, compreendia que a corrupção dos homens de forma alguma poderia ser destruída, a não ser pela morte. Mas, era impossível que o Verbo morresse por ser imortal, ele, do Pai o Filho. Por isso, assume corpo mortal, a fim de que este, partícipe do Verbo, superior a tudo, seja capaz de morrer por todos, e graças ao Verbo que nele habita, permaneça incorruptível e doravante faça cessar em todos a corrupção pela graça da ressurreição. Por conseguinte, qual sacrifício e vítima imaculada, oferece à morte o corpo que assumiu, e logo faz desaparecer a morte de todos os corpos idênticos ao seu, através da oferta de vítima correspondente.<sup>[9]</sup>

2. É justo que o Verbo de Deus, superior a todos, ao oferecer seu corpo, templo e instrumento, qual resgate por todos, solva nossa dívida por sua morte. Deste modo, unido a todos os homens pelo corpo semelhante ao deles, o Filho incorruptível de Deus pode justamente a todos os homens revestir da incorruptibilidade (1Cor 15,54), segundo a promessa da ressurreição. E a própria corrupção da morte não vigora mais contra os homens, por causa do Verbo que entre eles habita, através de corpo individual.

3. Se um grande rei entra numa cidade importante e habita uma de suas casas, esta cidade se considera honrada em extremo. De então em diante, nem inimigos, nem bandidos avançam para devastá-la; ao contrário é tida por merecedora de todas as atenções, por causa do rei que habita somente uma das casas. Igualmente acontece com o rei do universo.

4. Veio à nossa terra e habitou corpo semelhante ao nosso. Cessaram com isso as maquinações dos inimigos contra os homens, desapareceu a corrupção da morte que há muito prevalecia. O gênero humano teria perecido completamente se o Filho de Deus, Senhor e Salvador do universo, não viesse pôr termo à morte.



**10.** 1. Verdadeiramente essa grande obra adaptava-se por excelência à bondade de Deus. Se um grande rei construiu uma casa ou cidade, e esta por negligência dos habitantes é atacada por bandidos, ele de forma alguma a abandona, mas a defende e protege como obra sua, não levando em conta a negligência dos habitantes, mas a própria dignidade. Com maior razão, Deus, Verbo do Pai, tão bom, constatando que o gênero humano, criatura sua, caíra na corrupção, não o abandonou; mas pela oferta do próprio corpo, eliminou a morte que se lhes apegara, corrigiu as negligências deles através de sua doutrina, e por seu poder restaurou todo o gênero humano.

2. Disso podemos nos convencer lendo os escritos dos teólogos enviados pelo Salvador, em que se diz: “Pois a caridade de Cristo nos compele, quando consideramos que um só morreu por todos e que, por conseguinte, todos morreram. Ora, ele morreu por todos, a fim de que os que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que morreu e ressuscitou por eles” (2Cor 5,14s) dos mortos, nosso Senhor Jesus Cristo. E ainda: “Vemos, todavia, Jesus, que foi feito, por um pouco, menor que os anjos, por causa dos sofrimentos da morte, coroado de honra e de glória. É que pela graça de Deus ele provou a morte em favor de todos os homens” (Hb 2,9).

3. Em seguida, a Escritura indica por que nenhum outro devia se encarnar, a não ser o Verbo de Deus: “Convinha, de fato, que aquele por quem e para quem todas as coisas existem, conduzindo muitos filhos à glória, levasse à perfeição, por meio dos sofrimentos, o autor da salvação deles” (Hb 2,10). Desta forma, ela assinala não competir a nenhum outro, a não ser ao Verbo de Deus, que fizera os homens no começo, livrá-los da corrupção que lhes sobreviera.

4. O Verbo assumiu corpo, a fim de oferecê-lo em sacrifício em favor dos corpos semelhantes ao seu. Isso ensinam as Escrituras, ao dizer: “Uma vez que os filhos têm em comum carne e sangue, por isso também ele participou da mesma condição, a fim de destruir pela morte o dominador da morte, isto é, o diabo; e libertar os que passaram toda a vida em estado de servidão, pelo temor da morte” (Hb 2,14-15).

5. Com efeito, pelo sacrifício de seu próprio corpo, ele pôs termo à lei que pesava sobre nós, renovou-nos o princípio da vida, deu-nos a esperança

da ressurreição. Pois, se por meio dos homens a morte os dominou, em compensação, pela encarnação do Verbo de Deus, a morte foi destruída e a vida surgiu novamente, segundo afirma o Apóstolo, portador de Cristo: “Com efeito, visto que a morte veio por um homem, também por um homem vem a ressurreição dos mortos. Pois, assim como todos morrem em Adão, em Cristo todos receberão a vida etc.” (1Cor 15,14-15). Agora não morremos mais como condenados, e sim, devendo despertar dentre os mortos, esperamos a universal ressurreição, a qual Deus nos mostrará em “tempo oportuno” (cf. 1Tm 6,15) ele que a operou e com ela nos agraciou.

6. É a primeira causa da encarnação do Salvador. Aprendamos também em seguida quanto foi justificada sua benevolente vinda até nós.

## CAPÍTULO III

### A ENCARNAÇÃO DO VERBO, RESTAURAÇÃO HUMANA CONFORME A IMAGEM DE DEUS E O DOM DO CONHECIMENTO SOBRENATURAL

11. 1. Quando Deus, dominador do universo, por meio do Verbo criou o gênero humano, considerou a fraqueza de sua natureza, incapaz de conhecer por si mesma o Criador, e até de ter de Deus o mínimo conceito. De fato, Deus é incriado, os homens foram criados do nada. Deus é incorpóreo e os homens foram dotados de corpo. Em resumo, é muito grande a incapacidade da parte das criaturas de compreender e conhecer o Criador. Deus porém, em sua bondade, teve ainda compaixão do gênero humano, e não deixou os homens privados deste conhecimento, a fim de não julgarem, por sua vez, inútil a existência.

2. Com efeito, de que valia terem sido criados, se desconhecessem o Criador? Ou como os homens seriam dotados de razão, se não conhecessem o Verbo do Pai, por meio do qual foram feitos? Não teriam vantagem alguma sobre os irracionais, se nada conhecessem além das coisas terrestres. E por que Deus os teria criado, se não tivesse querido dar-se a conhecer?

3. Por isso, a fim de evitar que tal acontecesse, em sua bondade, fê-los partícipes de sua própria imagem (cf. Gn 1,26-27), nosso Senhor Jesus Cristo e criou-os a sua imagem e semelhança. Desta forma, por meio de tal graça, conheceriam a imagem, isto é, o Verbo do Pai, e poderiam por ele conceber a idéia do Pai. Esse conhecimento de seu Criador faria com que vivessem verdadeiramente prósperos e felizes.

4. Uma vez mais, contudo, os homens em sua loucura, desprezaram o dom recebido, afastaram-se de Deus e mancharam a alma de tal sorte que não somente perderam a noção de Deus, mas ainda forjaram outros deuses em substituição. Trocaram a verdade por ídolos que fabricaram, preferiram o nada ao verdadeiro Deus, adoraram a criatura em lugar do Criador (cf. Rm 1,25). Pior ainda, transferiram as honras divinas a ídolos de madeira, de pedra, ou de qualquer outra matéria, e até a seres humanos, e pior que isso, como mencionamos acima.

5. Tamanha foi a impiedade que acabaram por adorar os demônios e denominá-los deuses, prestando-se ao cumprimento de seus desejos. No intuito de agradar-lhes, como dissemos, imolaram animais irracionais e sacrificaram vítimas humanas. Por eles instigados, ficavam cada vez mais presos.

6. É certo que aprendiam deles a magia e a adivinhação enganava os homens segundo a região. Atribuía a causa do nascimento e da existência aos astros e seres celestes, e não iam além das aparências.

7. Em resumo, tudo transbordava de impiedade e iniquidade. Somente Deus e o seu Verbo eram desconhecidos. No entanto, ele jamais se escondera, invisível aos homens, nem havia transmitido um meio só de se manifestar, mas multiplicara esses meios de várias formas.

12. 1. De fato, a graça da imagem bastava para fazer conhecer o Verbo que é Deus e por ele o Pai. Deus, porém, conhecia a fraqueza dos homens e supriu suas falhas de tal sorte que se chegassem a deixar de procurá-lo por si mesmos, pudessem pelas obras da criação não desconhecer o Criador.

2. Mas, tendo a negligência humana descido paulatinamente aos piores excessos, Deus atendeu ainda à fraqueza dos homens, dando-lhes a lei, enviando-lhes profetas (cf. Rm 3,21), facilmente reconhecíveis. Desta forma, se tivessem preguiça de erguer os olhos ao céu e reconhecer o Criador, recebessem ensinamentos de mestres bem próximos de si. Com efeito, os homens podem mais diretamente aprender de outros homens a ciência das coisas melhores.

3. Por conseguinte, podem, ao erguerem os olhos para a imensidade do céu e ponderarem a harmonia da criação, conhecer o Verbo do Pai que tudo conduz, dá a todos o conhecimento de seu Pai pela providência universal e move o universo a fim de que todos possam por seu intermédio conhecer a Deus.

4. Ou se por preguiça tal coisa fosse difícil demais, eles podiam procurar os santos e por meio deles chegarem à notícia de Deus, demiurgo do universo, Pai do Cristo, e assim perceberem que o culto dos ídolos constitui impiedade totalmente sacrílega.

5. Igualmente tornou-se possível aos conhecedores da Lei pôr termo à impiedade e viver virtuosamente. De fato, a Lei não pertencia apenas aos judeus, nem lhes haviam sido enviados exclusivamente os profetas — enviados aos judeus, perseguidos por eles, — mas para a terra inteira constituíram uma escola santa do conhecimento de Deus e da vida espiritual.

6. Deste modo, apesar de tamanha bondade e filantropia de Deus, os homens vencidos pelos prazeres imediatos, as ilusões e seduções demoníacas, não se voltaram para a verdade, mas se deixaram arrastar a males e pecados cada vez mais numerosos, a ponto de não parecerem mais seres racionais, mas assemelharem-se pelos costumes aos irracionais.

**13.** 1. Uma vez que os homens haviam de tal modo perdido a razão e a sedução demoníaca tudo envolvera de sombras, ocultando o conhecimento do verdadeiro Deus, que teria Deus de fazer? Guardar silêncio diante de tal situação e deixar os homens, enganados pelos demônios, ignorar a Deus?

2. Em tal caso, porém, de que valia criar no começo o homem à imagem de Deus? Seria mister simplesmente criá-lo privado da razão, ou, se fosse criado como ser inteligente, não deixá-lo viver qual irracional.

3. Afinal, de que servia dar-lhe desde o começo a noção de Deus? Se nem agora ele é digno de recebê-la, não devia ter-lhe sido conferida desde o começo.

4. Que proveito aufere Deus Criador e que glória recebe, se os homens por ele criados não o adoram, mas pensam ter sido criados por outros deuses? Verificaria então Deus que era para outros e não para si mesmo que os criara.

5. Além disso, um rei, simples homem, não permite se sujeitem as cidades por ele fundadas a outro rei, nem se refugiem junto de outros; mas adverte os súditos por cartas, envia-lhes mensagens por intermédio de amigos e, se necessário, vai ele mesmo finalmente incitá-los por sua presença. Tudo isso, apenas para que não sirvam a outro senhor e não se inutilize sua obra.

6. Com maior razão, Deus não poupará sua criatura, evitando que erre longe dele e se sujeite a coisas que nada são? Tanto mais que tal erro causaria aos homens ruína e perda. Entretanto, não deve perecer algo que alguma vez já tenha participado da imagem de Deus.

7. Que seria então necessário que Deus fizesse? Sim, que devia fazer, a não ser renovar o que era segundo a imagem de Deus, a fim de que por meio dele os homens pudessem ainda conhecer a Deus? E como se faria isso, a não ser pela presença da imagem do próprio Deus, nosso Salvador Jesus Cristo? De fato, tal coisa não era viável aos homens, apesar de terem sido criados segundo a imagem. Nem aos anjos, uma vez que eles não são imagens. Por isso, o Verbo de Deus veio ele próprio, a fim de que, sendo a Imagem do Pai, possa re-criar o homem segundo a imagem.<sup>[10]</sup>

8. Além do mais, tal fato não podia acontecer sem a destruição da morte e da corrupção.

9. Por conseguinte, convinha que assumisse um corpo mortal a fim de aniquilar em si a morte e renovar os homens segundo a imagem. Para tal, de nenhum outro precisava senão da Imagem do Pai.

**14.** 1. Se uma figura traçada em madeira apagar-se devido a manchas provenientes de fora, a fim de renovar a imagem sobre o mesmo material, precisa-se da presença daqueles cujos traços foram figurados. Por causa da figura não se joga fora o material sobre o qual fora traçada, mas restaura-se nela a imagem.

2. De igual modo, o Filho santíssimo do Pai, Imagem do Pai, veio à terra a fim de renovar o homem que fora feito de conformidade com ele, e a fim de recuperar o que estava perdido, perdoando-lhe os pecados, conforme diz ele próprio nos evangelhos: “Vim procurar e salvar o que estava perdido” (Lc 19,10). Também declarou aos judeus: “Quem não renascer...” (Jo 3,5). Não aludia a nascimento de mulher, como supunham os judeus, mas ao renascimento e restauração da alma segundo a Imagem.

3. Uma vez que a loucura da idolatria e da impiedade dominavam a terra inteira, e o conhecimento de Deus estava encoberto, a quem competia instruir a terra acerca do Pai? Dir-se-ia que a um homem? Mas, seria

impossível a qualquer dos homens ir por toda a terra que existe sob o sol; não tinham eles naturalmente vigor para percorrer tudo, nem a faculdade de se tornarem fidedignos a esse respeito. Não eram capazes de se opor por si mesmos às seduções e invenções dos demônios.

4. Impressionados e perturbados espiritualmente pelas seduções diabólicas e a vaidade dos ídolos, de que modo teriam podido transformar a alma e a mente dos homens, se nem mesmo podiam vê-las? Como converter o que não se vê?

5. Dir-se-ia que bastava a criação. Mas, se a criação fosse suficiente, não teriam sucedido tantos males. A criação existia. No entanto, nem por isso os homens deixavam de se envolver em erros acerca de Deus.

6. De que, repitamos, tinham necessidade senão do Verbo de Deus que vê alma e espírito, move os seres criados e por eles torna conhecido seu Pai? A ele que, por sua própria providência e pela ordem reinante no universo transmite o ensino sobre o Pai, cabia renovar esta doutrina.

7. Como se faria isso? Talvez se diga ser possível por meios idênticos, isto é, mostrando novamente a Deus através das obras da criação. Mas isto ainda não oferecia muitas garantias. Absolutamente não! Pois os homens já haviam menosprezado este meio. Não fixavam o olhar no alto, e sim embaixo.

8. Assim, o Verbo, querendo devidamente socorrer os homens devia residir na terra como homem, tomar corpo semelhante ao deles, e agir através das coisas terrenas, isto é, por obras corporais. Desta forma, os que não haviam querido reconhecê-lo por causa de sua providência e seu domínio universais, reconheceriam pelas obras corporais o Verbo de Deus encarnado, e por ele, o Pai.<sup>[11]</sup>

15. 1. Um bom mestre cuida dos discípulos e aos que não podem auferir proveito das lições mais difíceis, ele os instrui, em sua condescendência, por meio de ensinamentos mais simples. Assim age o Verbo, segundo a palavra de Paulo: “Com efeito, visto que o mundo por meio da sabedoria não reconheceu a Deus na sabedoria de Deus, aprovou a Deus pela loucura da pregação salvar os que crêem” (1Cor 1,9.1).

2. Considerando que os homens se haviam afastado da contemplação de Deus e de certo modo mergulhado em profundo abismo, tinham os olhos dirigidos para baixo, procurando a Deus na criação e nas realidades sensíveis, configurando de homens mortais e de demônios seus deuses, por isso o Verbo de Deus, amigo dos homens e Salvador comum de todos, assumiu corpo e viveu como homem no meio dos homens, atraindo a si todos os sentidos, a fim de que os que incluíam a Deus entre os seres corporais, através das obras que o Senhor realizou corporalmente, conhecessem a verdade e por intermédio dele pensassem no Pai.

3. Enquanto homens, que refletiam apenas sobre realidades humanas, por toda parte onde aplicavam os sentidos eram atraídos e viam que em todo lugar apreendiam a verdade.

4. Ou estavam tomados de admiração pela criação, mas constatavam que ela também confessa o Cristo Senhor, ou tinham certo preconceito a favor dos homens, a ponto de transformá-los em deuses. Todavia, ao compararem as obras do Salvador às dos homens, viam que nenhum deles, mas somente o Salvador é Filho de Deus, pois entre os homens não existem obras semelhantes às realizadas pelo Verbo de Deus.

5. Tinham preconceitos também acerca dos demônios; ao verificarem, contudo, que estes eram expulsos pelo Senhor, reconheciam que ele somente é o Verbo de Deus, e que os demônios não são deuses.

6. Se dominava em seu espírito a lembrança dos mortos, a ponto de renderem culto aos heróis e aos que os poetas denominam deuses, no entanto, vendo a ressurreição do Salvador, confessavam serem eles enganosos e que o único Senhor verdadeiro é o Verbo de Deus, dominador da morte.

7. Para isso ele nasceu, manifestou-se como homem, morreu e ressuscitou; por suas obras, amorteceu e obscureceu tudo o que os homens jamais fizeram, para que, de todos os lugares aonde os homens se sentissem atraídos, ele os reconduzisse e lhes ensinasse qual o verdadeiro Pai, conforme ele mesmo disse: “Vim procurar e salvar o que estava perdido”. (Lc 19,10)



**16.** 1. Uma vez que o espírito dos homens havia caído no domínio do sensível, o Verbo se abaixou até se tornar corporalmente visível, a fim de atrair a si os homens enquanto homem e fazer com que a sensibilidade humana se inclinasse para ele; de então em diante, vê-lo-iam como homem, e suas obras os persuadiriam de que ele não é apenas homem, mas Deus, Verbo, Sabedoria do Deus verdadeiro.

2. Paulo o dá a entender, nesses termos: “Sejais arraigados e fundados no amor. Assim tereis condições para compreender com todos os santos qual é a largura e o comprimento e a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede a todo conhecimento, para que sejais plenificados com toda a plenitude de Deus” (Ef 3,17-19).

3. O Verbo se desdobra em todas as direções, para cima e para baixo, para as profundezas e para a largura; para cima, isto é, a criação, para baixo, isto é, a encarnação, para as profundezas, a saber, os infernos, para a largura, o mundo. Tudo está repleto do conhecimento de Deus.

4. Por este motivo, não foi desde o momento de sua vinda que ofereceu o sacrifício por nós, entregando o corpo à morte, e ressuscitando-o; pois ter-se-ia tornado invisível. Mas, mostrou-se corporalmente visível, permaneceu no corpo, realizou obras e mostrou milagres, que revelavam não homem, mas o Verbo de Deus.

5. De duas maneiras, o Verbo na encarnação demonstrou sua filantropia: de uma, fazia desaparecer a morte e nos renovava, e de outra, absolutamente invisível como é, manifestava-se pelas obras e dava-se a conhecer como o Verbo do Pai, chefe e rei do universo.

## CAPÍTULO IV

### O VALOR SALVÍFICO DA ENCARNAÇÃO DO VERBO A UNIÃO DO LOGOS E DO CORPO HUMANO

17. 1. Com efeito, o Verbo não estava circunscrito ao corpo; estava no corpo, sem deixar de estar simultaneamente em outras partes. Não movimentava apenas este corpo e deixava o universo privado de seu poder e de sua providência. Maior maravilha é que, sendo o Verbo, não era contido por um ser qualquer; ou melhor, ele próprio continha a todos. Desta forma, presente em toda a criação, por essência acha-se fora de tudo, mas em tudo está por seu poder. Estabelece a ordem em todas as coisas, estendendo a tudo e por tudo sua providência. Vivifica simultaneamente a cada um e a todos. Contém o universo e por ele não é contido. Somente no Pai, está todo inteiro e sob todos os pontos de vista.<sup>[12]</sup>

2. Igualmente, estando em seu corpo humano e dando-lhe a vida, vivificava também todos os seres. Estava em todos, e fora de todos. Fazia-se conhecido por seu corpo através das obras, e no entanto não era menos visível em sua operação sobre todos os seres.

3. É peculiar à alma contemplar pelo pensamento até mesmo o que está fora do corpo, mas não agir fora do corpo, nem mover por sua presença o que se acha longe deste corpo. Com efeito, jamais um homem, pensando em algo que esteja longe, fá-lo mover-se ou deslocar-se. Se alguém está sentado diante de sua casa e fica pensando no firmamento, não vai por isso mover o sol, nem fazer girar o céu. Sem dúvida, ele vê seu movimento e sua existência, mas continua incapaz de produzi-los.

4. Tal não era o Verbo de Deus na natureza humana. Ele não estava ligado pelo corpo; ao invés, dominava-o, de sorte que estava no corpo e em todos os seres, mas era exterior a todos e somente no Pai repousava.

5. Mais admirável era que vivia como homem; enquanto Verbo, porém, dava a vida a todos os seres e enquanto Filho estava junto do Pai. Assim, quando a Virgem o gerou, nada sofreu, nem a presença num corpo o manchou; ao contrário, também santificou o corpo.

6. Nem pelo fato de estar presente no universo, participa do bem de todos os seres, mas são eles, ao invés, que recebem do Verbo vida e nutrição.

7. Quando o sol, que ele criou e nós contemplamos, gira no céu, não é manchado pelos corpos terrestres que toca, nem some por causa das trevas; ao contrário, ele ilumina e purifica esses corpos. Com maior razão o santíssimo Verbo de Deus, criador e dono do sol, não foi maculado pelo corpo no qual se dava a conhecer; antes, sendo incorruptível, santificava e purificava o corpo mortal, pois, “ele não cometeu pecado, mentira nenhuma foi achada em sua boca” (1Pd 2,22).

**18.** 1. Quando, pois, os teólogos narram que ele foi gerado, comeu, bebeu, saiba ter sido o corpo, enquanto tal, que foi gerado e nutrido de alimentos adequados. Entretanto, o Verbo, que é Deus, unido ao corpo, dispunha em ordem o universo e pelas obras realizadas corporalmente, não se distinguia como homem, e sim como o Verbo que é Deus. No entanto, dele se diz tudo isso, porque não pertencia a outrem o corpo que comia, nascia, sofria, mas era do Senhor. Uma vez que se fizera homem, convinham-lhe essas expressões apropriadas ao homem, a fim de se mostrar possuidor de corpo verdadeiro, não imaginário.

2. Mas, assim como pelas obras percebia-se estar ele corporalmente presente, igualmente nas obras realizadas pelo corpo dava-se a conhecer como Filho de Deus. Por esta razão, ele clamava aos judeus incrédulos: “Se não faço as obras de meu Pai, não acrediteis em mim; mas se as faço, mesmo que não acrediteis em mim, crede nas obras, a fim de conhecerdes e conhecerdes sempre mais que o Pai está em mim e eu no Pai” (Jo 10,37-38).

3. Invisível, é notado através das obras da criação; de igual modo, feito homem, mesmo se corporalmente se subtraísse aos olhares, verificar-se-ia através das obras que não era simples homem, mas o Poder, o Verbo de Deus que as realizava.

4. Efetivamente, dar ordens aos demônios e exorcizá-los não constitui obra humana, mas divina. Pois, ao curar as doenças a que o gênero humano está sujeito, como julgá-lo ainda homem e não Deus? Com efeito, purificava os leprosos, fazia andarem os coxos, abria os ouvidos aos surdos, dava a vista

aos cegos; em suma, afastava para bem longe dos homens doenças e fraquezas, de sorte que qualquer podia contemplar a sua divindade. Quem, de fato, ao vê-lo suprir deficiências congênitas, abrir os olhos de cego de nascença, não compreenderia que os nascimentos dos homens dependem dele, o demiurgo e artífice? Quem pode suprimir deficiências inatas, evidentemente é Senhor também da geração dos homens.

5. Por isso, ao descer ao meio de nós, no começo, de uma virgem plasma para si corpo, a fim de oferecer a todos notável prova de sua divindade, pois quem o plasmou é também o artífice de outros corpos. Diante deste corpo nascido só de virgem, sem concurso de homem, quem não concluiria ser aquele que nele se manifesta também o artífice e senhor de outros corpos?

6. Ao presenciar a substância da água transmutar-se em vinho, como não pensar ser o autor deste milagre o Senhor e Criador da substância das águas? Por isso, ele como dono caminha sobre o mar, passeia como em terra, oferecendo assim aos espectadores prova de seu domínio universal. E quando com pequena quantidade de alimento nutriu multidão, que da indigência passou à abundância, a tal ponto que saciou com cinco pães cinco mil homens e ainda sobejou outro tanto, demonstrava não ser outro senão o Senhor com sua providência universal.

**19.** 1. Sem dúvida, convinha perfeitamente ao Senhor agir deste modo, a fim de que os homens, ignorando de sua providência relativa a todos os seres, e não conhecendo sua divindade através da criação, olhassem ao menos as obras por ele corporalmente realizadas, e daí extraíssem uma noção acerca do Pai, remontando, conforme já referi, do pormenor das obras à providência universal.

2. Ao notarem seu poder sobre os demônios e estes confessarem ser ele seu Senhor, quem duvidaria ainda de que ele é efetivamente Filho de Deus, sua Sabedoria e seu Poder?

3. Sequer à criação ele permitiu manter-se em silêncio, mas (coisa estupenda!), por ocasião de sua morte, ou antes em vista do troféu alcançado sobre a morte, isto é, a cruz, toda a criação confessa não ser simplesmente homem aquele que corporalmente se manifesta e sofre, e sim o Filho de Deus (cf. Mc 5,7) e Salvador de todos. Quando o sol se

escondeu, a terra tremeu, as montanhas se fenderam (cf. Mt 27,45.51), todos ficaram apavorados. Esses prodígios mostravam que o crucificado era Cristo Deus, a criação era sua serva, enquanto o temor que sentiam atestava a presença do Senhor.

4. Assim, portanto, o Verbo que é Deus se revelou aos homens por meio das obras. Seria conseqüente narrarmos agora o fim de sua vida e atividade corporais e expor de que maneira morreu. Tanto mais que se trata de ponto capital de nossa fé, comentado incessantemente pelo mundo inteiro. Ficarás ciente de que ainda aqui o Cristo se revelou igualmente como Deus e Filho de Deus.

#### *A redenção mediante o sacrifício da cruz*

**20.** 1. Expusemos, de fato, só parcialmente e quanto pudemos compreender, a causa e a espécie de sua manifestação corporal. O Salvador que no começo tudo fizera do nada, era o único que podia restituir a incorruptibilidade ao ser corruptível. Ninguém mais era capaz de restaurar os homens segundo a imagem a não ser quem é a Imagem do Pai. A nenhum outro competia transformar um ser mortal em imortal, senão ao que é a própria Vida, nosso Senhor Jesus Cristo. Nenhum outro podia ensinar quem era o Pai e eliminar o culto dos ídolos, senão o Verbo que estabelecera a ordem no universo, único e verdadeiro Filho unigênito do Pai.

2. Restava, contudo, ainda saldar a dívida de todos, pois todos, conforme mencionamos acima, deviam morrer, e esta foi a causa principal de sua vinda à terra. Por isso, após ter revelado sua divindade pelas obras, restava ainda oferecer o sacrifício por todos, entregando por todos à morte o templo de seu corpo (cf. Hb 9,12.24), a fim de suprimir os obstáculos e libertá-los da antiga transgressão (cf. Ap 12,9). Desta maneira, mostrar-se-ia mais forte que a morte, exibindo em seu corpo incorruptível as primícias da ressurreição universal.

3. Não te surpreenda o fato de repetirmos freqüentemente a mesma coisa. Uma vez que nos referimos à benevolência de Deus, expressamos igual conceito por muitas palavras, para não parecermos omissos e incorreremos na censura de termos feito exposição insuficiente. É preferível expor-se à

crítica de sempre repetir as mesmas coisas a omitir o que for necessário escrever.

4. Na verdade, o corpo de Cristo era de substância idêntica à dos demais homens. Era corpo humano, e embora por novo prodígio nascido somente de uma virgem, era todavia mortal, e teve a sorte comum a seus semelhantes. Mas, por causa do advento do Verbo, não estava sujeito à corrupção, conforme as exigências da natureza. Com efeito, pela inabitação do Verbo de Deus, estava isento da corrupção.

5. Assim, encontram-se no mesmo ser dois prodígios: a morte de todos se cumpria no corpo do Senhor, e de outro lado a morte e a corrupção eram destruídas pelo Verbo unido a este corpo. Necessária era a morte, forçoso advir para todos, a fim de que a dívida comum fosse saldada.<sup>[13]</sup>

6. Ora, conforme disse, o Verbo, na impossibilidade de morrer — era imortal —, assumiu um corpo capaz de morrer, a fim de por todos oferecer o que lhe era próprio, e através dos padecimentos por todos em sua encarnação, reduzir a nada “o dominador da morte, isto é, o diabo, e libertar os que passaram toda a vida em estado de servidão, pelo temor da morte” (cf. Hb 2,14b-15).

**21.** 1. Sem dúvida, uma vez que o comum Salvador de todos por nós morreu, nós, os fiéis de Cristo, não sofremos mais a morte, como outrora sob a ameaça da lei, pois a sentença condenatória foi abolida. Além disso, tendo cessado e desaparecido a corrupção, por obra da graça da ressurreição, resulta que, segundo a condição do corpo mortal, a decomposição corporal durará somente o tempo fixado por Deus para cada um, a fim de podermos obter “uma ressurreição melhor” (Hb 11,35).

2. Com efeito, à guisa de sementes lançadas na terra, não perecemos na dissolução, mas somos semeados para ressuscitar, pois a morte foi abolida pela graça do Salvador (1Cor 15,42-44). Em consequência, São Paulo, fiador geral da ressurreição, declarou: “É necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade, e que este ser mortal revista a incorruptibilidade e este ser mortal a imortalidade, então se cumprirá a palavra da Escritura: ‘A morte foi absorvida na vitória. Ó morte, onde está o teu aguilhão?’ ” (1Cor 15,53-55).

3. Pode, contudo, alguém interrogar: Se era necessário que por todos Cristo entregasse o corpo à morte, por que não o deixou normalmente como homem, mas chegou ao ponto de ser crucificado? Mais condizente seria sair do corpo cercado de honras do que sofrer o ultraje de tal morte.

4. Examina outra vez se esta objeção não será demasiado humana. Os acontecimentos acerca do Salvador são verdadeiramente divinos, e de variadas formas dignos de sua divindade. Primeiro, porque a morte que sobrevém aos outros provém de fraqueza natural. Eles não podem durar muito e com o correr do tempo desfalecem. Por conseguinte, ocorrem doenças, eles se debilitam e morrem. O Senhor, porém, não é fraco. Ou antes, é o Poder de Deus, o Verbo de Deus, a própria Vida.

5. Se, pois, saísse do corpo de modo reservado no leito, conforme os demais, julgar-se-ia derivar o evento de fraqueza natural, sem que ele nada mais possuísse que os restantes. Mas, sendo ele a Vida, o Verbo de Deus que havia de morrer por todos, enquanto Vida e Poder fortalecia o corpo por si mesmo.

6. Mas, a morte devia ocorrer. Então, aproveitou a oportunidade de oferecer um sacrifício, não por si, mas pelos outros. Não ficaria bem que adoecesse o Salvador, se ele curava as doenças dos outros, nem que enfraquecesse o corpo, por meio do qual ele fortificava os debilitados.

7. Por que, então, não impediu a morte como evitara a doença? Porque havia assumido corpo com esta finalidade e não seria oportuno impedir a morte para não criar igualmente obstáculo à ressurreição. Também não seria adequado fosse a morte precedida por doença, para que não se atribuísse fraqueza ao que estava neste corpo. Entretanto, não sentiu fome? Sim, sentiu a fome peculiar ao corpo, e no entanto, o Senhor que sustentava esse corpo não deixou que lhe sobreviesse a morte por inédia. Então, morreu para resgate de todos, mas não experimentou a corrupção. O corpo ressuscitou intacto, visto pertencer ao que é a própria vida.

22. 1. Ora, dirá alguém, competia-lhe furtar-se à conjuração dos judeus, a fim de conservar imortal o corpo. Ouça esse contraditor que nem isso convinha ao Senhor. Seria indigno do Verbo de Deus, a própria Vida, ocasionar ele próprio a sua morte corporal. Também não lhe convinha fugir

da morte infligida por outrem; seria antes o caso de procurá-la para eliminá-la. Por conseguinte, agiu bem por não sair do corpo de iniciativa própria e de outro lado, não fugir das ciladas dos judeus.

2. Tal conduta não assinalava fraqueza no Verbo, antes fazia com que fosse reconhecido como Salvador e Vida, pois ele aguardava a morte para destruí-la e apressava-se em prol da salvação de todos para consumir a morte que lhe seria infligida.

3. Aliás, o Salvador vinha pôr termo à morte dos seres humanos e não à que lhe era destinada. Não deixou o corpo por morte natural a si (coisa impossível, sendo ele a própria Vida), mas acolheu a morte das mãos dos homens, a fim de eliminar completamente a morte que lhe atacara o corpo.

4. Além disso, conclui-se daí ser bem apropriado tal fim ao corpo do Senhor. Visava sobretudo à ressurreição que havia de operar em seu corpo. Assim, era erguer o troféu da vitória sobre a morte manifestar aos homens todos a ressurreição. Assegurou-lhes que acabaria com a corrupção e doravante os corpos tornar-se-iam incorruptíveis. Qual penhor e prova da futura ressurreição geral, conservava seu próprio corpo incorruptível.

5. Seria, ao invés, inoportuno que o corpo houvesse adoecido e o Verbo de Deus dele se separasse à vista de todos pois, tendo curado as doenças alheias, deixaria sucumbir por moléstia o instrumento de seus milagres. Quem acreditaria ter ele sanado as enfermidades alheias, se o templo de seu corpo se debilitasse? Ou ele se exporia ao ridículo por ser incapaz de curar a doença, ou se pudesse curar e não o fizesse, seria considerado pouco humano até mesmo relativamente ao próximo.

23. 1. Se, portanto, Cristo houvesse morrido sem doença, nem dor, em particular, sozinho num canto ou lugar deserto, ou em casa, ou tivesse conservado o corpo oculto em qualquer lugar e em seguida reaparecido subitamente, dizendo ter ressuscitado dos mortos, tudo isso assemelhar-se-ia antes a uma fábula. Com mais razão, não se lhe daria crédito se falasse de ressurreição, ponderando-se que absolutamente ninguém lhe presenciara a morte. Importa que a morte preceda a ressurreição, pois jamais houve ressurreição sem morte prévia. Igualmente se o corpo morresse de certo



modo oculto, e se a morte fora invisível e sem testemunhas, a ressurreição também teria sido invisível e não ates-tada.

2. Por que uma vez ressuscitado havia de anunciar abertamente esta ressurreição, se tivesse deixado a morte se realizar em segredo? Por que teria podido aos olhos de todos expulsar demônios, dar a vista ao cego de nascença, transformar a água em vinho, e por esses fatos, tornar crível ser o Filho de Deus, e não teria podido perante todos igualmente mostrar incorruptível seu corpo mortal, a fim de se acreditar que ele é a Vida?

3. Como teria sido possível aos discípulos pregar audaciosamente a ressurreição, se primeiro não lhes fosse facultado afirmar que ele morreria? Ou como se lhes daria crédito ao afirmarem primeiro a morte e em seguida a ressurreição, se não houvessem encontrado testemunhas da morte entre os mesmos aos quais falavam com tanta audácia? Se mesmo assim, apesar de ter sido a morte e ressurreição realizadas à vista de todos, os fariseus contemporâneos recusaram crer e ainda forçaram as testemunhas oculares da ressurreição a negá-la, se tudo isso se tivesse realizado secretamente, que pretextos não teriam imaginado para defender a sua incredulidade?

4. Mas, então, de que forma mostraria ele o término do domínio da morte e sua vitória sobre ela, se primeiro não a houvesse convocado ao tribunal publicamente a fim de provar pela incorrupção de seu corpo estar ela doravante morta e aniquilada?

**24.** 1. Cabe-nos responder de antemão às prováveis réplicas. Ora, talvez ainda se afirme o seguinte: Se devia a morte suceder diante dos olhos de todos e de determinadas testemunhas para dar crédito à ressurreição, também deveria ele excogitar uma espécie de morte gloriosa, para ao menos escapar da ignomínia da cruz.

2. Mas, se assim agisse, prestar-se-ia à suspeita de não ser bastante poderoso contra qualquer espécie de morte, mas somente contra a que excogitasse para si, e não faltaria novamente pretexto para negar a ressurreição. Conseqüentemente adveio ao corpo não um tipo de morte inventado por ele próprio, e sim pelas maquinações dos inimigos, a fim de que ele destruísse precisamente a morte que estes infligiram ao Salvador. Qual genuíno atleta, grande pela prudência e valor, não escolheu os

adversários, a fim de não incorrer na suspeita de covardia diante de alguns deles, mas deixou a escolha aos espectadores, principalmente se hostis, para esmagar o que eles de comum acordo lhe opõem, e ser considerado o mais forte de todos.

3. Igualmente, nosso Salvador e Senhor, Cristo, Vida do mundo, não inventou um gênero de morte para si, evitando a aparência de estar com medo de outrem, mas aceitou e suportou a morte ocasionada por outros, sobretudo seus inimigos, morte por esses considerada temível, ignominiosa e abominável, a morte de cruz. E assim, destruindo-a, induziu a crer ser ele a Vida, que aniquilaria inteiramente o poder da morte.

4. Aconteceu, portanto, algo de admirável e espantoso: a morte ignominiosa que eles queriam lhe infligir tornou-se o troféu da vitória contra a morte. Não quis morte como a de João por decapitação, nem ser partido ao meio como Isaías, querendo conservar mesmo após a morte o corpo inteiro e indiviso, a fim de não dar pretexto aos que tentassem dividir a Igreja (cf. Sl 21,17-19 e Jo 19,23-24).<sup>[14]</sup>

25. 1. Esses argumentos são para os de fora, que acumulam raciocínios sobre raciocínios. Mas, se alguns dos nossos pergunta, não guiado por espírito contencioso, mas desejoso de se instruir, por que motivo Cristo não suportou outra espécie de morte que a da cruz, saiba que nenhuma outra nos seria mais proveitosa; por conseguinte, foi esta justamente que o Senhor padeceu por nós.

2. Se vinha carregar a maldição que sobre nós pesava, de que modo ter-se-ia tornado maldição (cf. Gl 3,13), se não sofresse a morte dos malditos? Tal é, efetivamente, a morte na cruz, pois está escrito: “Maldito todo aquele que é suspenso no madeiro” (Dt 21,23; Gl 3,13).

3. Além disso, se a morte do Senhor é redenção (cf. Mt 20,28; Mc 10,45) para todos, se esta morte derruba o muro de separação (cf. Ef 2,14) e realiza a vocação dos gentios, como nos teria ele chamado se não tivesse sido crucificado? De fato, somente na cruz se morre com as mãos estendidas.<sup>[15]</sup> Era conveniente que o Senhor suportasse esta espécie de morte e estendesse as mãos. Com uma atrairia o antigo povo de Deus e com a outra os gentios, reunindo os dois povos em si mesmo.

4. Ele próprio o asseverou, dando a entender por qual morte resgataria os homens: “E quando eu for elevado da terra, atrairei todos a mim” (Jo 12,32).

5. Ademais, o inimigo do gênero humano, o diabo, caído do céu (cf. Lc 10,18), erra pelas regiões inferiores do ar, exerce o império sobre os outros demônios, que se lhe assemelham pela desobediência, e por intermédio destes, produz fantasmas para os que se deixam seduzir e tenta impedir os que procuram subir. O Apóstolo afirma sobre esse assunto: “Conforme o Príncipe do poder do ar, o espírito que agora opera nos filhos da desobediência” (Ef 2,2). O Senhor, portanto, veio abater o diabo, purificar o ar, abrir-nos o caminho para a subida ao céu, conforme afirma o Apóstolo: “através do véu” (Hb 10,20), isto é, sua carne. Sua morte o realizou. Mas, qual morte senão a morte nos ares, isto é, a da cruz? Morre nos ares apenas quem morre crucificado. Por conseguinte, foi razoável que o Senhor sofresse tal morte. Desta sorte, elevado nas alturas, purificou o ar das maquinações do diabo e dos demônios: “Eu via Satanás cair do céu como um relâmpago!” (Lc 10,18) e reabriu para nós o caminho ascendente para o céu, dizendo ainda: “Ó príncipes, levantai vossas portas, elevai-vos antigas portas” (Sl 23,7). Ora, o Verbo não necessitava que se lhe abrissem as portas, pois é o Senhor de tudo. Criatura alguma está fechada diante do Criador. Nós, contudo, precisávamos desta abertura e então ele nos transportou ao céu,<sup>[16]</sup> por meio de seu próprio corpo. Da mesma forma que por todos entregou o corpo à morte, também abriu a estrada que conduz às alturas dos céus.

### *A ressurreição de Cristo e o dom da incorruptibilidade*

**26.** 1. Sua morte por nós na cruz foi, portanto, perfeitamente conveniente e adaptada. Vê-se ter tido causa inteiramente racional e perfeitamente justificada. Não existia modo melhor de operar a salvação do mundo que a cruz. Assim sendo, não quis ficar invisível na cruz, mas tomou a criação inteira por testemunha da presença de seu demiurgo. Não deixou o templo de seu corpo aguardar muito tempo, mas comprovada a morte após a luta, logo o ressuscitou, ao terceiro dia, erguendo qual troféu da vitória sobre a morte a incorruptibilidade e impassibilidade obtidas neste corpo.

2. Teria podido, sem dúvida, imediatamente ressuscitar o corpo morto e apresentá-lo vivo, mas o Salvador não o quis, por sábia providência. No caso de manifestar imediatamente a ressurreição, alguém poderia replicar que não estivera inteiramente morto, ou que a morte não o tocara de modo algum.

3. Se morte e ressurreição se sucedessem sem intervalo, a glória da incorruptibilidade permaneceria incerta. Por isso, no intuito de demonstrar que o corpo estava bem morto, o Verbo deixou passar um dia intermediário e no terceiro apresentou-se a todos incorrupto.

4. Querendo provar a morte do corpo, ressuscitou-o ao terceiro dia.

5. Ora, se houvesse esperado mais tempo para ressuscitar um corpo já totalmente corrompido, suscitaria talvez incredulidade, como se não se tratasse de seu corpo, mas de outro. Provavelmente, decorrido algum tempo, surgiria recusa de credibilidade na aparição e esquecimento do sucedido. Por esse motivo, não tardou além de três dias, nem deixou aguardarem por muito tempo os que o haviam ouvido referir-se à ressurreição.

6. Ora, enquanto eles tinham ainda nos ouvidos o som de sua voz, os olhos ainda o buscavam, os espíritos se mantinham em suspenso, enquanto viviam ainda na terra e nos mesmos lugares os que o mataram e podiam atestar a morte corporal do Senhor, o Filho de Deus apresentou imortal e incorrupto o corpo que estivera sem vida pelo espaço de três dias. Evidenciou-se que se estivera inanimado não fora por fraqueza do Verbo que o inabitava, e sim para ser nele destruída a morte por virtude do Salvador.

**27.** 1. Prova notável e testemunho evidente da destruição da morte e de representar a cruz a vitória por ele obtida sobre a morte, já sem vigor, verdadeiramente morta, é a seguinte: Todos os discípulos de Cristo a desprezam, marcham contra ela, sem temor, e pelo sinal da cruz e a fé em Cristo, calcam-na aos pés, como a um cadáver.

2. Outrora, antes do advento divino do Salvador, os defuntos eram chorados porque destinados à corrupção. Entretanto, após ter o Salvador ressuscitado

seu corpo, ela cessou de ser pavorosa. Os fiéis de Cristo calcam-na aos pés como um nada, e preferem morrer a renegar a fé em Cristo. Estão cientes de que ao falecerem não perecem, mas vivem, e a ressurreição os fará incorruptíveis.

3. E o diabo, que outrora pela morte insultava malignamente os homens, agora, uma vez supressas as dores da morte (cf. At 2,24) é o único verdadeiramente morto. Comprova tal afirmação o seguinte fato: Antes de crerem em Cristo, os homens olhavam a morte qual coisa terrível e dela tinham pavor. Ao contrário, uma vez acolhidas a fé e a doutrina, de tal modo desprezam a morte que se lançam ardorosamente para ela, e tornam-se testemunhas da vitória do Salvador sobre a morte através da ressurreição. Apesar da idade, as crianças apressam-se para a morte, exercitam-se para ela não somente homens, mas também mulheres. A morte de tal forma se enfraqueceu que as próprias mulheres, outrora por ela iludidas, riem-se dela, como de ser inanimado e inerme. Se um tirano, vencido por rei valoroso, acha-se ligado de mãos e pés, os transeuntes dele zombam, batem-no, maltratam-no, sem qualquer receio de sua raiva e crueldade, por causa do rei vencedor; assim também a morte, uma vez vencida e desonrada pelo Salvador, de mãos e pés amarrada, é pisoteada pelos que caminham em Cristo os quais lhe prestando testemunho, zombam da morte e insultam-na, repetindo as palavras da Escritura: “Morte, onde está a tua vitória? Inferno, onde está o teu aguilhão?” (1Cor 15,55).

**28.** 1. Seria prova insignificante da fraqueza da morte? Ou demonstração falha da vitória alcançada sobre elas pelo Salvador o fato de que crianças e jovens em Cristo menosprezam a vida presente, prontas para morrer?

2. O homem naturalmente receia a morte e a decomposição do corpo. Coisa estupenda! Quem se revestiu da fé na cruz, despreza este sentimento natural, e por causa de Cristo não tem medo da morte.

3. O fogo tem naturalmente a propriedade de queimar: mas conta-se que existe uma matéria que não teme a labareda do fogo, mas lhe demonstra antes a fraqueza, como se diz do amianto dos indianos; e se alguém, permanecendo cético diante deste propósito, quer fazer a experiência do que foi dito, revestirá a substância não-inflamável e se lançará ao fogo, e doravante crerá imediatamente na fraqueza do fogo.

4. Ou se alguém deseja ver o tirano aprisionado, deve necessariamente fazer-se presente no país e no reino do vencedor, para ver privado de sua força aquele que os outros temiam. Semelhantemente, se alguém é incrédulo, mesmo após provas importantes, após tantos mártires suscitados no Cristo, após a derisão preparada cotidianamente à morte por aqueles que se honram no Cristo; se ele hesita ainda a se pronunciar a respeito da destruição da morte e de seu fim, faz bem de se admirar de semelhante coisa, contanto que não se endureça na descrença e que não tenha a imprudência de negar os fatos tão evidentes.

5. Mas como aquele que usou o amianto reconhece que este é não-inflamável, e aquele que quer ver o tirano aprisionado passe no reino do vencedor, do mesmo modo aquele que não crê na vitória sobre a morte, que receba a fé do Cristo, e se põe à sua escola: ele verá a impotência da morte e a vitória alcançada sobre ela. Numerosos são aqueles que permaneceram, de início, incrédulos e zombeteiros, depois se tornaram crentes e desprezaram a morte a ponto de se tornarem mártires de Cristo.

**29.** 1. Mas se, graças ao sinal da cruz e à fé no Cristo, a morte é calcada aos pés, é manifesto ao julgamento da verdade que nenhum outro senão Cristo em pessoa não alcançou estes trofeus e estas vitórias contra a morte, e que ele a reduziu à impotência.

2. Se a morte atormentava, no começo, e por isso era temível, mas que no presente, após a vinda do Salvador, a morte de seu corpo e sua ressurreição, esta morte se encontra desprezada, é visível que ela foi arruinada e vencida pelo Cristo elevado sobre a cruz.

3. Quando, após a noite, o sol aparece e ilumina toda a face da terra, não há nenhuma razão de duvidar que este sol que espalha por toda parte a luz, é também aquele que expulsou as trevas e tudo iluminou. Assim, pois que a morte é desprezada e calcada aos pés desde a manifestação salutar do Salvador no corpo e sua morte sobre a cruz, é evidente que é o mesmo Salvador, que apareceu num corpo, destruiu a morte e cada dia faz ver em seus discípulos, seus trofeus contra ela.

4. Com efeito, ao notar que homens, naturalmente fracos, lançam-se na morte, sem se deixarem intimidar pela corrupção do túmulo, nem temerem

a descida aos infernos, e além disso desejarem ardentemente a morte, sem temor das torturas e por Cristo preferirem à vida presente, esse impulso para a morte, quando se observam homens e mulheres, jovens e crianças acorrerem rapidamente à morte, pela fé em Cristo, quem seria bastante tolo ou incrédulo, quem teria espírito tão cego para não compreender e refletir que é Cristo, a quem esses prestam testemunho, quem dá e obtém para cada um a vitória sobre a morte, destruindo seu poder em cada um dos que nele têm fé e trazem o sinal da cruz?

5. Quem vê uma serpente calcada aos pés, sobretudo se conhece sua anterior crueldade, não duvida de que esteja morta, ou tenha perdido as forças, a menos que se trate de perturbado mental, ou que nem mesmo seus sentidos corporais estejam sadios. Quem ainda, ao ver crianças desafiarem um leão, não compreenderá que ele está morto e perdeu o vigor?

6. Vê-se com os próprios olhos que tal é a realidade. Assim, se os fiéis em Cristo desafiam e desprezam a morte, ninguém duvide nem recuse crer ter Cristo aniquilado a morte, cortando e arruinando a corrupção.

**30.** 1. Nossas palavras contêm prova ponderável de ter sido eliminada a morte e constituir a cruz do Senhor troféu contra ela. Cristo, Salvador comum e verdadeira Vida, ressuscitou seu corpo, doravante imortal. A demonstração extraída dos fatos é mais clara que todos os discursos para os que conservam em bom estado os olhos espirituais.

2. Se, conforme as conclusões de nossa reflexão, a morte foi eliminada e todos por Cristo a pisoteiam, com maior razão ele próprio, em seu corpo, calcou-a aos pés e a venceu. Se a morte por ele pereceu, que lhe restava senão ressuscitar o corpo, qual troféu de vitória? Como apareceria a derrota da morte se o corpo do Senhor não tivesse ressuscitado? Se não se julgar ser esta demonstração suficiente da ressurreição, é possível confirmar nossas palavras por fatos evidentes.

3. Um morto nada mais pode fazer. Sua lembrança vai até o túmulo e logo se extingue. Aos vivos somente pertencem ação e influência sobre os homens. A quem quiser é possível essa constatação; se julgar de acordo com o que vê, confessará que é verdade.

4. Se o Salvador de tal forma age entre os homens e invisivelmente persuade todos os dias, em toda a parte, grande multidão de gregos e bárbaros a nele crer e a escutar sua doutrina, como seria possível ainda hesitarmos e perguntarmos se o Salvador ressuscitou, se Cristo está vivo, ou melhor, se ele é a própria Vida?

5. Seria um morto capaz de penetrar no coração dos homens, fazer com que renegassem as leis de seus pais, e abraçassem a doutrina de Cristo? Ou se não age, o que é próprio de defunto, como pode fazer com que homens vivos e ativos parem de agir, o adúltero cesse de adular, o homicida deixe de assassinar, o injusto desista de sua cupidez, o ímpio se transforme em piedoso? Se Cristo não ressuscitou, se não passa de defunto, como consegue expulsar, perseguir, derrubar os falsos deuses que os ímpios afirmam serem vivos e os demônios por eles adorados?

6. Nomeiem-se Cristo e a fé nele e logo a idolatria é arruinada, as ilusões demoníacas são refutadas. Demônio algum suporta este nome; basta ouvi-lo e é afugentado. Tudo isso não é obra de morto; ao contrário, é próprio de vivo e até mesmo de Deus.

7. Aliás, seria ridículo afirmar serem vivos os demônios por ele afugentados, os ídolos derrubados e declarar morto quem os expulsa, por seu poder fá-los desaparecer e é reconhecido por todos como Filho de Deus.

**31.** 1. Levantam contra si mesmos grave argumento os que recusam crer na ressurreição, se os demônios e deuses por ele adorados não perseguem esse Cristo que eles asseveram estar morto; mas ao invés, é Cristo quem comprova estarem todos eles mortos.

2. É verdade que um morto nada pode fazer; no entanto, o Salvador opera diariamente tantos prodígios, atrai à piedade, persuade à prática da virtude, ensina a imortalidade, conduz ao desejo do céu, revela o conhecimento do Pai, inspira força contra a morte, mostra-se a cada um e destrói a impiedade dos ídolos. Tais coisas não fazem os deuses e demônios dos infiéis, enquanto, ao invés, apenas a presença de Cristo faz deles uns mortos, que apenas têm aparência vã e oca, pois o sinal da cruz elimina toda magia, reduz a nada os encantamentos. Os ídolos são abandonados e menosprezados, cessam os prazeres desordenados e todos olham da terra



para o céu. De quem se afirmará que está morto? Cristo, que fez tudo isso? Mas, um morto não age. Ou se trata de alguém que não tem atividade alguma, jaz inanimado? Tal é o caso dos demônios e dos ídolos, semelhantes a seres mortos.

3. O Filho de Deus, porém, vivo e atuante (cf. Hb 4,12) opera cada dia, realizando a salvação de todos. Entretanto, a morte está condenada a perder cada dia mais seu vigor, os ídolos e os demônios assemelham-se cada vez mais a seres mortos, e ninguém pode mais ficar na incerteza sobre a ressurreição do corpo de Cristo.

4. Se alguém recusasse crer na ressurreição do corpo do Senhor, mostraria ignorar o poder do Verbo, da Sabedoria de Deus. Se o Verbo assumiu corpo e fê-lo seu de modo conseqüente e racional, conforme demonstrou nossa exposição, que havia de fazer o Senhor de seu corpo? Ou qual devia ser o fim desse corpo em que o Verbo entrara? Impossível não morrer, por ser mortal e haver sido entregue à morte pela salvação de todos; era justamente para isso que o Salvador o plasmara. Permanecer na morte, porém, não era possível ponderando-se que se tornara o templo da Vida. Assim, morreu, enquanto ser mortal, mas ressurgiu por causa da vida que nele estava, e suas obras são o sinal de sua ressurreição.

**32.** 1. Quem recusar crer na ressurreição porque não o vê, cuide de que neguem também os incrédulos o que está na natureza das coisas. Pois, é próprio de Deus ser invisível, mas através das obras dá-se a conhecer, segundo mencionado mais acima.

2. Se as obras não existem, eles têm razão de não acreditar no que é invisível. Mas, se estas obras clamam e claramente o demonstram, por que negam propositadamente a vida revelada com tamanha evidência pela ressurreição? Se têm o espírito obcecado, ao menos verifiquem com os sentidos externos o incontestável poder de Cristo e sua divindade (Rm 1,20).

3. O cego não vê o sol, mas ao menos recebe seu calor, sabe que existe um sol acima da terra. De forma semelhante, nossos contraditores, que não querem crer, cegos no cume do espírito em relação à verdade, ao menos ao

notarem com que força os outros crêem, não neguem a divindade de Cristo e a ressurreição de que é autor.

4. É evidente que se Cristo estivesse morto, não afugentaria os demônios, nem despojaria os ídolos. Os demônios não obedeceriam a morto. Como basta seu nome para visivelmente pô-los em fuga, é claro que não está morto, tanto mais que os demônios, vendo o que os homens não vêem, podem verificar se Cristo é defunto e não lhe obedecerem.

5. Agora, porém os demônios vêem o que os ímpios não crêem, que ele é Deus. Por isso, todos fogem, caem a seus pés, repetindo as frases que gritavam quando ele ainda estava nesta vida: “Sei quem tu és: O Santo de Deus” (Lc 4,34), e ainda: “Que existe entre mim e ti, Filho de Deus? Peça-te que não me atormentes” (Mc 5,7; cf. Lc 8,26).

6. Uma vez que os demônios o reconhecem e suas obras atestam a seu favor todos os dias, é claro — e ninguém devia resistir com impudência à verdade — que o Salvador ressuscitou seu próprio corpo e que é o verdadeiro Filho de Deus. De Deus saiu, como Verbo nascido do Pai, Sabedoria e Poder, que assumiu nos últimos tempos um corpo em prol da salvação de todos e ministrou à terra inteira ensinamentos acerca do Pai, destruiu a morte, deu a todos a graça da incorruptibilidade, prometendo a ressurreição, ressuscitando seu corpo qual primícias e exibindo-o qual troféu da vitória sobre a morte e a corrupção, pelo sinal da cruz.

## CAPÍTULO V

### CONTRA OS JUDEUS INCRÉDULOS TESTEMUNHAS DA ENCARNAÇÃO DE CRISTO

**33.** 1. Assim sendo, após clara demonstração da ressurreição do corpo do Salvador e da vitória alcançada sobre a morte, refutemos agora a incredulidade dos judeus e a zombaria dos gregos.

2. Em oposição a esses fatos, os judeus recusam crer e ridicularizam os gregos, puxando para cá e para lá o que a cruz e a encarnação do Verbo de Deus apresentam de menos adequado. Não deixarei, contudo, de dirigir minha exposição contra uns e outros, tanto mais que possuo contra eles argumentos convincentes.

3. Os judeus incrédulos encontrariam comprovação nas Escrituras, a cuja leitura também eles se dão. Do começo ao fim, o livro inspirado todo inteiro clama estas realidades, segundo revelam suas próprias palavras. Os profetas, há muito, anunciavam o milagre da Virgem e do menino que dela nasceria: “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e por-lhe-á o nome de Emanuel” (Is 7,14; Mt 1,23), que significa: Deus conosco.

4. Moisés, realmente grande, cuja veracidade reconheciam os judeus, aprecia de igual modo como sendo das maiores coisas as palavras proferidas sobre a encarnação do Salvador, e tomando-as como tais, cita-as em seus livros: “Um astro procede de Jacó, um homem se levanta, procedente de Israel. E esmaga os príncipes de Moab” (Nm 24,17b). E ainda: “Como são formosos as tuas moradas, ó Jacó, e as tuas tendas, ó Israel! Como vales sombreados, e como jardins ao lado de um rio e como tendas que o Senhor levantou, como cedros junto às águas! Um herói surge na sua descendência, e domina sobre muitos povos” (Nm 24,5-7a) E ainda Isaías: “Porque, antes que a criança saiba dizer ‘papá’ e ‘mamã’, as riquezas de Damasco e os despojos de Samaria serão levados para o rei da Assíria” (Is 8,4b).

5. Palavras proféticas acerca de seu aspecto humano. Mas os profetas prenunciam ser ele o Senhor de todos, nesses termos: “O Senhor, montado em uma nuvem veloz, vai ao Egito. Os deuses do Egito tremem diante dele”

(Is 19,1) De lá, com efeito, é que o Pai o chama novamente do Egito: “Do Egito chamei o meu Filho” (Mt 2,15; Os 1,1).

**34. 1.** Sua morte também não passou sob silêncio, mas foi distintamente indicada nas Sagradas Escrituras. No intuito de que ninguém o ignorasse, permanecendo em erro, os profetas não hesitaram declarar nem mesmo a causa desta morte, que não padeceu por si mesmo, mas para a imortalidade e salvação de todos, nem de narrar as ciladas dos judeus e os ultrajes infligidos por eles.

2. Assim se expressam: “Um homem sujeito à dor, familiarizado com a enfermidade, sua face foi objeto de aversão; desprezado, não se fazia caso dele. E, no entanto, eram os nossos pecados que ele levava sobre si, as nossas dores que ele carregava. Nós o tínhamos como sofredor, ferido e humilhado. Mas ele foi ferido por causa de nossas transgressões e esmagado em virtude das nossas iniquidades. O castigo que havia de trazer-nos a paz caiu sobre ele, sim por suas feridas fomos curados” (Is 53,3b-5). Admira a filantropia do Verbo, que aceita ultrajes por nossa causa, a fim de sermos honrados. “Todos nós, como ovelhas, andávamos errantes, seguindo cada um o seu próprio caminho; mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós. Foi maltratado, mas não abriu a boca, como cordeiro conduzido ao matadouro, como ovelha que permanece muda na presença de seus tosquiadores ele não abriu a boca. Em sua humildade seu julgamento foi retirado”(At 8,32s).

3. Enfim, para não passar por homem vulgar, devido a seus sofrimentos, a Escritura previne os pensamentos dos homens e dá a conhecer sua natureza e seu poder, diversos dos nossos, dizendo: “Quem contará sua geração? Foi cortado da terra dos vivos, foi conduzido à morte por causa da transgressão do seu povo. Deram-lhe sepultura com os ímpios, e o seu túmulo está com os ricos, se bem que não houvesse praticado violência nem houvesse engano em sua boca. Mas o Senhor quis curá-lo de suas feridas” (Is 53,8b-10a).

**35. 1.** Mas, talvez após ter ouvido a profecia sobre sua morte, queiras saber o que foi prenunciado sobre a cruz. Pois, ela também não passou sob silêncio, mas foi brilhantemente destacada pelos santos.

2. Moisés foi o primeiro a anunciá-la com grandes clamores: “Tua vida penderá diante de teus olhos por um fio, e não acreditarás” (Dt 28,66).

3. Depois dele, também os profetas deram testemunho: “Mas eu como cordeiro manso que é levado ao matadouro, não sabia; eles tramavam planos contra mim: ‘Vinde, coloquemos madeira em seu pão, arranquemo-lo da terra dos vivos’ ” (Jr 11,19a).

4. E ainda: “Traspassaram as minhas mãos e os meus pés, contaram todos os meus ossos; repartiram entre si as minhas vestes, e sobre a minha túnica lançaram sorte” (Sl 21,17s).

5. Esta morte por suspensão num madeiro só podia ser a da cruz; e em nenhum outro gênero de morte mãos e pés se traspassam a não ser no da cruz.

6. E como pelo advento do Salvador todas as gentes começaram a reconhecer o Senhor, nem isso a Sagrada Escritura deixou de citar, mas o relembra nesses termos: “Ele será a raiz de Jessé, que se ergue para governar os povos; nele esperarão as nações” (Is 11,10; Rm 15,12). Estas poucas palavras bastam para demonstração dos fatos.

#### *Desenvolvimento oratório sobre estas testemunhas*

7. A Escritura inteira, efetivamente, acha-se repleta de traços a refutarem a incredulidade dos judeus. Entre os justos mencionados nas divinas Escrituras, os santos profetas, os patriarcas, houve algum que tenha nascido somente de virgem? Ou que mulher basta, sem concurso de marido, para dar à luz um homem? Acaso Abel não nasceu de Adão, Enoc de Jared, Noé de Lamec, Abraão de Taré, Isaac de Abraão e Jacó de Isaac? Judá de Jacó, Moisés e Aarão de Amram? Samuel não nasceu de Elcana, Davi de Jessé, Salomão de Davi, Ezequias de Acaz, Josias de Amós, Isaías de Amós, Jeremias de Helcias, Ezequiel de Buzi? Na origem de cada um deles não houve pai? Qual nasceu somente de virgem? Ora, o profeta cuidadosamente indicou este sinal.

8. De quem um astro anunciou nos céus e proclamou à terra inteira seu nascimento? Moisés, ao nascer, foi escondido pelos pais. De Davi até

mesmo os vizinhos não tinham ouvido falar, pois o grande Samuel não o conhecia e perguntou se havia ainda outro filho de Jessé. Abraão só depois de adulto foi notado pelos mais próximos. Mas, Cristo, ao nascer, não teve apenas o testemunho de um homem e sim de um astro que apareceu no céu, donde ele próprio descera.

**36.** 1. Qual o rei que antes de poder chamar ‘papai’ e ‘mamãe’ (cf. Is 8,4) começou a reinar e alcançou troféus contra os inimigos? Davi não começou a reinar aos trinta anos, e Salomão, já rapaz? Não tinha Joás sete anos ao começar a reinar (cf. 2Rs 12,1) e Josias, mais novo ainda, pelos sete anos, não recebeu o poder? (cf. 2Rs 22,1) Mesmo os que, porém, já haviam atingido tal idade, podiam chamar o pai e a mãe.

2. Quem, pois, quase antes de nascer reina e despoja os inimigos? Os judeus, que perscrutam as Escrituras, digam-me qual o rei de Israel e de Judá em quem todas as nações depositaram sua esperança e com ele mantinham a paz? Ao invés, não eram elas antes inimigas?

3. Enquanto Jerusalém subsistia, faziam-lhe guer-ra sem tréguas. Combatiam todas contra Israel. Os assírios a oprimiam, os egípcios a perseguiram, os babilônios a invadiam. E coisa espantosa, os sírios, seus vizinhos eram também adversários. Davi não guerreava os moabitas, e não talhava em peças os sírios, Josias não se precava de seus vizinhos, e Ezequias não temia a jactância de Senaquerib? Amalec não lutou com Moisés, a quem eram hostis também os amorreus? Os habitantes de Jericó não combateram contra Josué, filho de Nun? E em geral, na falta de verdadeiras tréguas, houve acaso amizade entre as nações e Israel? Será bom verificar em quem, pois, as nações depositam sua esperança. Deve existir alguém, pois é impossível que os profetas tenham mentido.

4. Qual, então, o santo profeta ou santo patriarca que morreu na cruz pela salvação de todos? Quem foi ferido e morto para a cura de todos? Qual dos justos ou dos reis desceu ao Egito, a fim de derrubar, por ocasião de sua chegada, os ídolos dos egípcios? Abraão desceu, e no entanto, a idolatria em geral exercia seu império. Foi lá que Moisés nasceu; todavia, a superstição ali reinava.

37. 1. Qual dentre os mencionados pela Escritura teve mãos e pés traspassados, ou pendeu de fato do madeiro e morreu na cruz pela salvação de todos? Abraão acamou-se e morreu; Isaac e Jacó também juntaram os pés no leito e morreram. Moisés e Aarão faleceram no monte. Davi, em casa, e não sucumbiu às conjurações do povo. Sem dúvida, fora perseguido por Saul, mas escapou incólume. Isaías foi cortado ao meio, mas não pendeu do lenho. Jeremias foi coberto de injúrias, não foi, contudo, condenado à morte. Ezequiel não sofreu por causa da plebe, mas por anunciar o que aconteceria ao povo.

2. Conseqüentemente, todos esses que assim padeceram eram homens, semelhantes por natureza aos outros. Aquele, porém, cujos sofrimentos foram prenunciados nas Escrituras não é simplesmente homem, mas diz-se que é a Vida de todos, embora por natureza semelhante aos homens. “Tua vida penderá diante de teus olhos por um fio”, diz a Escritura (Dt 28,66); e ainda: “Quem contará sua geração?” (Is 53,8). É possível ter notícia da geração de todos os santos e contar desde o começo o que foi cada um deles, e onde nasceu; mas a Palavra de Deus indica ser inenarrável a geração do que é a própria Vida.

3. A quem, pois, assim as Sagradas Escrituras se referem? Quem é este ser tão grande do qual os profetas anunciam coisas tão prodigiosas? Nenhum outro se encontra enquanto tal nas Escrituras, a não ser nosso Salvador comum, o Verbo de Deus, nosso Senhor Jesus Cristo. É procedente da Virgem, apareceu qual homem na terra aquele cuja geração segundo a carne é inenarrável. Com efeito, não se lhe atribui um pai segundo a carne, porque seu corpo não provém de homem e sim apenas de virgem.

4. Não é difícil traçar a genealogia dos antepassados de Davi, de Moisés e dos patriarcas; ao invés, ninguém pode narrar, como se fosse originária de um homem, a geração do Salvador, segundo a carne. Foi ele quem fez um astro anunciar o nascimento de seu corpo; forçoso era, uma vez que o Verbo descia do céu, houvesse também um sinal do céu. A chegada do rei da criação precisava ser claramente noticiada por toda a terra.

5. Sem dúvida, nasceu na Judéia, entretanto persas vieram adorá-lo. Mesmo antes de sua aparição corpo, devia alcançar a vitória contra os demônios, seus adversários, e obter os troféus contra a idolatria. Podemos observar

com os nossos próprios olhos como, por toda parte os povos abjuram aos costumes de seus pais e a impiedade dos ídolos, depositando de então em diante a confiança em Cristo e sendo contados entre os seus.

6. A impiedade dos egípcios não cessou a não ser quando o Senhor do universo, levado, por assim dizer, sobre uma nuvem e vindo corporalmente para o meio deles, reduziu a nada o erro da idolatria, e reconduziu os homens a si e por seu intermédio ao Pai.

7. Foi ele quem, à luz do sol, diante de toda a criação e dos que o matavam, foi crucificado; sua morte trouxe salvação universal e a criação inteira foi redimida. Ele é a Vida de todos e qual ovelha entregou o corpo à morte, em resgate pela salvação de todos, mesmo se os judeus continuam incrédulos.

### *Outras testemunhas e reflexões sobre os milagres de Cristo*

**38.** 1. Se tudo isso não lhes basta, deixem-se persuadir por outros textos de que eles mesmos dispõem. A quem se referem os profetas nesses termos: “Consenti em ser buscado pelos que não perguntavam por mim, consenti em ser encontrado pelos que não me procuravam. A uma nação que não invocava o meu nome eu disse: ‘Eis-me aqui!’ Todos os dias estendi as mãos a um povo desobediente e rebelde”? (Is 65,1-2; Rm 10,20-21).

2. Quem, pois, se revelou? Seja referido aos judeus! Se é do profeta que se trata, digam eles quando se escondeu para logo em seguida se mostrar! Quem é, portanto, esse profeta, que de invisível se tornou visível e estendeu as mãos na cruz? Nenhum dos justos, mas somente o Verbo de Deus, por natureza incorpóreo, fez-se por nossa causa visível corporalmente e por nós sofreu.

3. E se isto não lhes é suficiente, outros testemunhos causem-lhes confusão, com manifesta refutação. Pois, diz a Escritura: “Fortalecei as mãos abatidas, revigorai os joelhos cambaleantes. Dizei aos corações conturbados: ‘Sede fortes, não temais.’ Eis que o vosso Deus vem para vingar-vos, ele vem para salvar-nos. Então abrir-se-ão os olhos dos cegos e os ouvidos dos surdos se desobstruirão; então o coxo saltará como o cervo e a língua dos surdos mudos será ágil” (Is 35,3-6).



4. Que replicar diante disso ou como encarar esses fatos? A profecia assinala a vinda de Deus, os milagres revelam a época de sua chegada. Que os cegos vejam, os coxos andem, os surdos ouçam e a língua dos mudos se torne ágil, tudo isso os profetas referem à vinda do Senhor. Digam-nos quando tais sinais se produziram em Israel, onde tal aconteceu na Judéia?

5. Naaman, o leproso, foi curado, mas não houve surdo que ouvisse, nem coxo que andasse. Elias e Eliseu ressuscitaram mortos, mas não houve cego de nascença que recuperasse a vista. Certamente, grande milagre é ressuscitar um morto, mas o portento operado por eles não foram tão grandes quanto os que o Senhor realizou. E se a Escritura não omitiu a cura do leproso, nem a ressurreição do filho da viúva, sem dúvida se houvesse acontecido antes que um coxo andasse ou um cego visse, a Palavra de Deus não teria deixado de publicar também esses fatos. Visto que não há referências da Escritura a esse respeito, é claro que tais milagres não se haviam produzido anteriormente.

6. Quando, então, sucederam, senão quando o próprio Verbo de Deus apareceu corporalmente? Quando, pois, veio ele, senão quando os coxos andaram, os mudos falaram com desembaraço, os surdos ouviram, os cegos de nascença viram claramente? Por essa razão, os judeus que o constataram e jamais haviam ouvido falar de fatos idênticos, diziam: “Jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos a cego de nascença. Se este homem não fosse de Deus, nada poderia fazer” (Jo 9,32-34).

**39.** 1. Talvez, incapazes de resistir diante da evidência, não negarão as Escrituras, entretanto assegurem que ainda esperam o Verbo, que é Deus, e ainda não veio. Eis o que eles repetem à porfia, sem saírem de sua ousada oposição aos fatos evidentes. Mas aqui também serão refutados, não por nós, mas por Daniel, que era muito prudente, e anuncia a época atual e o advento divino do Salvador, nesses termos: “Setenta semanas foram fixadas para o teu povo e a tua cidade santa para fazer cessar a transgressão e lacrar os pecados, para expiar e perdoar a iniquidade e instaurar justiça eterna, para selar visão e profeta e para ungir o santo dos santos.

2. Ficarás sabendo, pois, e compreenderás isto, desde a promulgação do decreto sobre o retorno e a reconstrução de Jerusalém até o reino do Ungido” (Dn 9,24-25).

3. Talvez pudessem encontrar pretextos nos outros profetas, e atribuir ao futuro o que foi escrito. Mas, que poderão dizer ou contrapor a este texto? Nele se indica o Cristo, não se anuncia o Ungido somente como homem, mas como o santo dos santos. Jerusalém subsiste até a sua vinda, e em seguida cessam em Israel profeta e visão.

4. Outrora tinham sido ungidos Davi, Salomão e Ezequias; mas então Jerusalém e o lugar santo subsistiam, e profetizavam Gad, Asaf, Natan, e após estes, Isaías, Oséias, Amós e outros profetas. Além disso, os ungidos eram denominados homens santos, e não: santo dos santos.

5. Se, porém, apresentarem como objeção o cativo e que por causa deste Jerusalém não mais existia, que dirão acerca dos profetas? Com efeito, ao ser outrora o povo levado para Babilônia, viviam Daniel, Jeremias e Ezequiel, Ageu e Zacarias profetizavam.

**40.** 1. Pura invenção dos judeus, portanto, que transferem para o futuro fatos presentes. Quando cessaram em Israel profeta e visão, a não ser quando apareceu o santo dos santos, o Cristo? Sinal e marca considerável da presença do Verbo de Deus era não subsistir Jerusalém, não surgir profeta algum, nem revelação por meio de visão. E era perfeitamente exato.

2. Pois, tendo chegado o que os sinais prenunciavam, que necessidade ainda havia destes sinais? Ao aparecer a realidade, para que ainda as sombras? Por esta razão, os profetas falaram até que chegasse a própria justiça, quem redime os pecados de todos. Jerusalém perdeu muito a fim de que os judeus ali considerassem as figuras da realidade futura.

3. Mas, agora, com a vinda do santo dos santos, precisamente foram seladas visão e profecia e o reino de Jerusalém deixou de existir. Seus reis foram ungidos até que fosse também ungido o santo dos santos. Moisés profetizou que o reino de Jerusalém duraria até esta vinda, com essas palavras: “O cetro não se afastará de Judá, nem o bastão de chefe de entre seus pés, até que o tributo lhe seja trazido e ele é a expectativa das nações” (Gn 49,10).

4. O próprio Salvador também exclamava: “Todos os profetas bem como a Lei profetizaram até João” (Mt 11,13). Se, portanto, agora ainda existem entre os judeus, rei, profeta e visão, eles têm razão de negar que Cristo

tenha vindo; mas se não há mais rei, nem visão, se toda profecia está selada, se cidade e templo foram destruídos, por que são ímpios e transgressores a ponto de negar Cristo, causa desses eventos, apesar do que se passou? Por que, ao verificarem que os gentios abandonaram os ídolos e por meio de Cristo depositam esperança no Deus de Israel, eles renegam Cristo, oriundo segundo a carne da raiz de Jessé, a reinar de hoje em diante? Se os gentios adorassem outro Deus, sem confessar o Deus de Abraão, de Isaac, de Jacó e de Moisés, os judeus razoavelmente pretenderiam que Deus não veio.

5. Entretanto, se o Deus adorado pelos gentios é idêntico ao que deu a Lei a Moisés, fez a promessa a Abraão, cujo Verbo os judeus rejeitaram, por que não o reconhecem, ou antes, por que recusam voluntariamente aceitar que o Senhor, prenunciado pela Escritura, resplandeceu na terra inteira e se mostrou presente no corpo? De fato, diz a Escritura: “O Senhor é Deus: ele nos ilumina” (Sl 117,27a) e ainda: “O Senhor enviou sua Palavra para curá-los” (Sl 106,20) e novamente: “Não foi um mensageiro ou um anjo, mas a sua própria face que os salvou” (Is 63,9).

6. Seu estado assemelha-se ao de demente que veria a terra à luz do sol e negaria a existência do sol que a ilumina. O que restava fazer, se já viera aquele que esperavam? Chamar os pagãos? Mas, ele se antecipara neste chamado. Fazer cessar profeta, rei, visão? Também já haviam cessado. Denunciar a impiedade dos ídolos? De fato, denunciara e condenara. Aniquilar a morte? Ele a aniquilou.

7. Do que competia a Cristo fazer, o que não fez? Que falta ainda, para os judeus se regozijarem e recusarem crer? No entanto, se, como vimos, eles não têm rei, nem profeta, nem Jerusalém, nem sacrifício, nem visão, e não obstante, a terra inteira está cheia do conhecimento de Deus, e os gentios rejeitam a impiedade para buscarem o Deus de Abraão, por meio do Verbo, nosso Senhor Jesus Cristo, faz-se evidente, até aos mais ousados, que Cristo já veio, que para todos os homens brilha inteiramente sua luz, e ele lhes ministra a respeito do Pai ensinamento verdadeiro e divino.

8. Por este testemunho e outros mais, extraídos das divinas Escrituras, refutam-se as objeções dos judeus.

## CAPÍTULO VI

### CONTRA OS GREGOS FILÓSOFOS E IDÓLATRAS ARGUMENTOS DA RAZÃO: A CONVENIÊNCIA COSMOLÓGICA DA ENCARNAÇÃO

41. 1. Quanto aos gregos, é verdadeiramente espantoso como se riem das questões mais respeitáveis, obcecados também acerca de sua própria vergonha, que lhes passa despercebida, prestando culto a ídolos de pedra e madeira.

2. Sentindo-nos à vontade na demonstração de nossa doutrina, confundi-los-emos com boas razões, sobretudo por fatos que constatamos. O que existe de estranho, de ridículo, entre nós? Afirmar que o Verbo realmente se manifestou corporalmente? Ora, se querem ser amigos da verdade, hão de reconhecer conosco que não se trata de evento tão estranho.

3. Se negam inteiramente a existência do Verbo de Deus, perdem tempo por zombarem do que ignoram.

4. Se assentem, contudo, que existe um Verbo de Deus, senhor do universo, que nele o Pai criou e por sua providência concede a todos os seres a luz, a vida, o ser, que reina sobre todos a ponto de ser possível perceber sua providência e por meio dele, o Pai, examina, por favor, se imperceptivelmente não caem no ridículo.

5. Os filósofos gregos asseveram ser o mundo um grande corpo,<sup>[17]</sup> e é verdade. Efetivamente, notamos que caem sob o domínio dos sentidos o mundo e suas partes. Se, portanto, o Verbo de Deus acha-se no mundo material, e veio a todas e a cada uma de suas partes, porque seria espantoso e estranho afirmar que veio também a um ser humano?

6. Numa palavra, se é estranho que se tenha encarnado, seria também que viesse ao mundo e todos os seres recebessem de sua providência luz e movimento, uma vez que o universo é também corporal.

7. Conseqüentemente, se convém que ele venha ao mundo e seja percebido em todo o universo, também é conveniente que apareça com corpo humano,

iluminado e movido por ele. Com efeito, o gênero humano é também parte deste todo. E se não se faz mister que esta parte sirva de instrumento ao Verbo para proclamar sua divindade, seria completamente estranho que se desse a conhecer no conjunto do cosmos.

42. 1. Considerando-se que o homem ilumina e move o corpo inteiro, quem julga estranho atinja a força do homem também um artelho, passaria por insensato, pois, apesar de conceder que o homem está e age no corpo inteiro, negaria estar também numa parte. De igual modo, quem concede e crê estar o Verbo de Deus presente no mundo inteiro, ser o universo iluminado e movido por ele, não se admira de que ilumine e mova um corpo humano.

2. Se eles acham não ser apropriado falar de aparição humana do Salvador, pelo fato de ser o gênero humano criado, feito do nada, vê que o estão excluindo também da criação, igualmente tirada do nada pelo Verbo.

3. Embora também a criação tenha sido produzida, e não seja de admirar que o Verbo nela se ache presente, de igual forma não se estranhe que esteja em corpo humano. Conforme concebem o universo, forçoso é que pensem a respeito das partes dele; e, conforme disse, o homem também é parte do universo.

4. Por conseguinte, não é inconveniente que o Verbo esteja num homem, e que tudo seja nele, e por ele iluminado, movido e vivificado, segundo asseveram até seus próprios autores: “É nele, com efeito, que temos a vida, o movimento e o ser” (At 17,28).

5. Em que, portanto, será ridículo afirmar que o Verbo se serve qual instrumento para sua manifestação, deste corpo no qual está? Se nele não se achasse, não poderia utilizá-lo. Começamos por conceder que ele se acha no todo e nas partes. Que há de incrível em que ele se manifeste nas partes onde se encontra?

6. Estando todo inteiro, por sua virtude, em cada um dos seres e em todos, e organizando tudo com largueza, se quisesse empregar o sol ou a lua, o céu ou a terra, a água ou o fogo, qual voz para se dar a conhecer a si e ao Pai, ninguém se admiraria, considerando que ele contém todas as coisas, e está

simultaneamente em cada parte, revelando-se de modo invisível. Assim também se a todo ser ordena e vivifica, e quer se dar a conhecer aos homens, nada de extraordinário que empregue corpo humano qual instrumento para manifestar a verdade, e revelar o Pai. Pois, a humanidade é também parte do todo.

7. A alma está difundida no homem todo e se manifesta numa parte do corpo, por exemplo, a língua, e ninguém afirma que a substância da alma com isso fica diminuída. Não se julgue indigno do Verbo, presente em todos os seres, utilizar-se de instrumento humano. Pois, segundo assegurei, se não convém que use o corpo como instrumento, igualmente não fica bem que esteja em todo o mundo.

**43.** 1. Por que, questionam eles, em lugar do homem, não se manifestou em outros seres mais nobres da criação? Por que não se serve de instrumento mais belo, como o sol, a lua, os astros, o fogo, o éter? Fiquem cientes de que o Senhor não veio somente para se exhibir, e sim para curar e ensinar os que sofriam.

2. Para se exhibir, bastava aparecer e surpreender os espectadores. Mas para curar e instruir, era insuficiente vir, precisando ainda de se pôr a serviço dos necessitados e aparecer de forma adaptada a suas carências, a fim de não perturbar a humanidade sofredora por excesso e não ser improfícua a manifestação divina.

3. Criatura alguma, senão o homem, equivocava-se no conhecimento de Deus. Pois, nem o sol ou a lua, o céu ou os astros, a água ou o éter, perturbam a ordem estabelecida, mas reconhecendo o Verbo, seu criador e rei, mantém-se tais quais foram criados. Somente os homens se apartaram do bem, fizeram ídolos de nada em lugar da verdade e atribuíram a honra devida a Deus, o conhecimento de Deus, a demônios, a homens figurados em pedra.

4. Desta forma, sendo indigno da vontade de Deus desinteressar-se de tal situação, e visto que os homens não o percebiam presente a governar o mundo, assumiu qual instrumento uma parte do todo, o corpo humano, ao qual acedeu. Assim, os homens que não conseguiam conhecê-lo através do todo, não o desconheceriam através de uma parte; uma vez que não podiam

erguer os olhos ao poder invisível, ao menos podiam compreendê-lo e contemplá-lo num ser semelhante a si mesmos.

5. Homens como são, poderiam por meio de um corpo igual ao seu e pelas obras divinas corporalmente realizadas, conhecer mais rapidamente e mais de perto o Pai do Verbo, pela reflexão de não serem humanas e sim divinas, as obras realizadas.

6. E se acaso se lhes afigurar estranho dê-se o Verbo a conhecer pelas obras corporais, também espantoso será que se manifeste pelas obras operadas no universo. Estando embora no meio da criação, em nada participa dos seres criados, mas, ao invés são estes que participam de seu poder. De igual sorte, utilizando qual instrumento o seu corpo, em nada participa de condições corporais; ao invés, santifica o corpo.

7. Platão, tão admirado entre os gregos, disse que o autor do universo, vendo-o agitado pela tempestade e em perigo de soçobrar nas desigualdades, assentou-se ao leme da alma e veio socorrê-la, reparando todas as suas faltas. Por que admirar a asserção de que no seio da humanidade desnorteada o Verbo veio se estabelecer, aparecer como homem, a fim de salvá-la da tempestade por sua direção e sua bondade?

#### *A conveniência física da encarnação*

44. 1. Talvez eles, envergonhados, concedam tudo isso, tentando, porém declarar que se Deus quisesse instruir e salvar os homens, o fizesse por ato voluntário apenas, como outrora fizera, ao tirar os seres do nada, sem que o Verbo tocasse o corpo.

2. Provavelmente se responda a essa objeção da seguinte maneira: Outrora, nada existia e bastava um só ato da vontade e um propósito para criar o universo. Depois, contudo, que o homem foi feito e não se impunha fossem seres tirados do nada e sim a cura de seres já existentes, segue-se que o médico e salvador devia aproximar-se das criaturas, para curá-las. Por isso, ele se fez homem e empregou o corpo humano, qual instrumento.

3. Ao invés, se assim não devia acontecer, de que maneira havia de vir o Verbo, empregando um instrumento? De onde tomá-lo, senão dentre seres

já existentes, necessitados do socorro da divindade, por meio de ser semelhante a eles? O nada não carecia de salvação e era suficiente apenas uma ordem. Mas, o homem já existia, entregue à corrupção e à ruína; fez-se mister, então, que o Verbo se servisse de instrumento humano e se estendesse a todas as coisas.

4. Em seguida, faz-se mister saber que a corrupção não se achava fora do corpo. Nele penetrara. Forçoso era que em vez da corrupção, a vida a ele se apegasse. A morte estivera no corpo, a vida também nele se instalasse.

5. Assim, se a morte fosse exterior ao corpo, a vida deveria ficar também de fora. Mas, uma vez que a morte se lhe unira, exercendo poder sobre ele, a vida precisava apegar-se ao corpo, a fim de que este, revestindo-se da vida, se livrasse da corrupção. De outro modo, se o Verbo se mantivesse fora do corpo e não dentro, a morte teria sido muito naturalmente vencida, por não possuir poder algum contra a vida. No entanto, a corrupção restaria no corpo no qual se sobrepusera.

6. Conseqüentemente, o Salvador devia se revestir de corpo, a fim que este, assim apegado à vida, cessasse de estar unido à morte, enquanto mortal; ao invés, revestindo a imortalidade e ressuscitado, perdurasse imortal. Revestido da corrupção, era impossível ressurgir sem revestir a vida. Além disso, como a morte não subsiste em si mesma, e sim num corpo, o Verbo revestiu corpo, para ir ao encontro da morte neste corpo e fazê-la desaparecer. Como, pois, teria o Senhor demonstrado ser a Vida, senão vivificando o que é mortal?

7. O fogo naturalmente consome a palha; afastada do fogo, não se queima, continua sendo palha, mas como tal tem medo das ameaças do fogo, pois naturalmente ele a consome. Se, contudo, a palha estiver bem revestida de amianto, o qual, diz-se, é incompatível com o fogo, a palha não mais teme o fogo, apoiada na segurança oferecida por este revestimento incombustível.

8. O mesmo se pode dizer relativamente ao corpo e à morte. Se o Verbo tivesse apartado a morte somente por uma ordem, o corpo, contudo, manter-se-ia mortal e corruptível, segundo a lei que rege os corpos. A fim de que tal não sucedesse, o corpo vestiu o Verbo incorpóreo de Deus. Assim, não



receia mais a morte, nem a corrupção, uma vez que revestiu a vida e a corrupção desapareceu.

*Conclusão: a razão dos efeitos universais da encarnação*

45. 1. Foi, portanto, inteiramente plausível tivesse o Verbo de Deus assumido corpo e se servido de instrumento humano. Assim, vivifica o corpo e como na criação suas obras o revelam, ele opera no homem e por toda a parte se mostra, e nada priva de seu conhecimento e de sua divindade.

2. Repito o que disse mais acima: O Salvador assim procedeu, pois, uma vez que tudo enche com sua presença, igualmente plenifica todas as coisas com seu conhecimento. Segundo a Sagrada Escritura: “A terra ficará cheia do conhecimento do Senhor” (Is 11,9).

3. Se olhar alguém para o céu, verá a ordem nele reinante. Se for impossível olhar para lá, incline-se somente para o homem, e haverá de constatar por meio das obras o poder incomparável do Senhor sobre os homens, reconhecendo ser ele o único Verbo de Deus no meio dos homens. Se for alguém seduzido e aterrorizado pelos demônios, há de verificar que ele os expulsa e considerar que se trata do dono deles. Se mergulhar na natureza das águas, julgando que são deuses, como os egípcios adoradores da água, notará ter sido a água transformada pelo Senhor e certificar-se-á de que é o criador das águas.

4. Se descer aos infernos, e admirar os heróis que para lá desceram e são venerados quais deuses, observará a ressurreição do Senhor e a vitória sobre a morte, pensando que mesmo entre eles Cristo é verdadeiro Senhor e Deus.

5. O Senhor atingiu todas as partes da criação, libertou-as, desenganou-as de qualquer erro, conforme afirma Paulo: “Ele despojou os Principados e as Potências” e triunfou sobre a cruz (Cl 2,15), a fim de que doravante ninguém mais seja iludido, mas encontre em todo lugar o verdadeiro Verbo de Deus.

6. Ademais, o homem assim envolvido sempre e em toda parte, isto é, no céu, no inferno, no homem, na terra, vendo expandida sobre a terra a

divindade do Verbo, não mais se engana acerca de Deus e adora a um só, e por meio dele conhece bem o Pai.

7. Provavelmente os gregos ficarão impressionados com estas boas razões; entretanto se julgarem insuficientes esses argumentos para confundi-los, acreditem em nossas palavras acerca de fatos a todos evidentes.

*Recursos aos fatos: O fim da idolatria, da divinização e do reino dos filósofos*

**46.** 1. Quando os homens começaram a abandonar o culto dos ídolos, a não ser depois que o Verbo de Deus veio para junto dos homens? Quando cessou aniquilada a adivinhação entre os gregos e por toda a parte, senão ao aparecer o Salvador da terra inteira?

2. Quando os pretensos deuses e heróis dos poetas foram pela primeira vez convencidos de não passarem de simples mortais, a não ser quando o Senhor ergueu o troféu contra a morte, e conservou incorrupto o corpo assumido, ressuscitando-o dentre os mortos?

3. Quando a fraude e a loucura dos demônios foi desprezada, senão na oportunidade em que o poder de Deus, o Verbo, Senhor de tudo e até dos próprios demônios, condescendendo com a fraqueza dos homens, surgiu na terra? Quando se começou a calcar aos pés a arte e ensinamentos mágicos, senão por ocasião do aparecimento do Verbo divino entre os homens?

4. Em resumo, quando a sabedoria dos gregos foi se enlouquecendo, a não ser ao aparecer na terra a verdadeira Sabedoria de Deus? Desde muito, a terra habitada e todos os lugares iludiam-se com o culto dos demônios e os homens julgavam não existirem outros deuses senão os ídolos. Agora, porém, por toda a terra os homens abandonam o culto supersticioso dos ídolos, refugiam-se em Cristo, adoram-no como Deus, e por ele conhecem o Pai, antes ignorado.

5. E, coisa admirável, enquanto existem milhares de cultos diferentes, cada país possui seus próprios ídolos e o que eles denominam Deus não é capaz de ir à região vizinha persuadir o povo dos arredores a adorá-lo, e apenas é cultuado em seu próprio domínio — (pois ninguém adora o deus mais

próximo, mas cada qual conserva seu ídolo particular, acreditando ser ele o senhor dos demais) —, somente Cristo é um só e adorado por toda parte entre os povos. Cristo realiza o que não consegue fazer a fraqueza dos ídolos: persuadir os povos da vizinhança. Convence não somente os povos circunvizinhos, mas toda a terra a adorar um só e mesmo Senhor e por intermédio dele a Deus, seu Pai.

47. 1. Outrora, o mundo estava cheio de fraudes dos oráculos. Os oráculos de Delfos, de Dodona, da Beócia, da Lícia, da Líbia, do Egito, das Cabiras e a Pítia enchiam de admiração a imaginação dos homens. Agora, porém, desde que Cristo é anunciado por toda parte, esta loucura terminou e não existe mais adivinhos entre eles.

2. Antigamente também, os demônios impressionavam os homens, apossando-se previamente das fontes, dos rios, das estátuas de madeira ou de pedra. Seus sortilégios espantavam os simples. Agora, contudo, após a aparição divina do Verbo, acabaram essas fantasias. De fato, só pelo sinal da cruz, o homem afugenta estes artifícios.

3. Outrora, os homens consideravam deuses Zeus, Cronos, Apolo e os heróis, mencionados pelos poetas, adorando-os erroneamente. Agora, todavia, que o Salvador apareceu no meio dos homens, foi descoberta sua qualidade de homens mortais, e somente Cristo é acolhido entre os homens enquanto Deus do Deus verdadeiro, o Verbo-Deus.

4. Que dizer da magia, tão admirada entre eles? Antes do advento do Verbo, era todo-poderosa e atuante entre egípcios, caldeus, indianos e enchia de admiração os espectadores. Mas, pela presença da Verdade e a manifestação do Verbo, foi igualmente convencida de erro e reduzida inteiramente a nada.

5. Quanto à sabedoria helênica e às grandes frases dos filósofos, ninguém, a meu ver, carece de discurso sobre a questão, porque todos podem constatar a seguinte maravilha: enquanto os sábios da Grécia escreveram tanto, foram incapazes de persuadir até mesmos alguns de seus vizinhos a abraçarem a doutrina concernente à imortalidade e à vida virtuosa, Cristo com palavras simples e através de homens de linguagem inábil convenceu, por toda a terra, numerosas grupos humanos a desprezarem a morte e a pensarem na imortalidade, a rejeitarem as coisas transitórias, a olharem para a

eternidade, a terem em conta de nada a glória terrena, pretendendo apenas a da imortalidade.

**48.** 1. Não constituem palavras ocas o que acabamos de proferir, pois a própria experiência atesta sua veracidade.

2. Quem quiser pode acercar-se para contemplar os sinais da virtude nas virgens de Cristo e nos jovens que se conservam puros e castos. Verá do coro imenso dos mártires, a fé na imortalidade.

3. Aproxime-se quem desejar prova de nossas afirmações e diante das fantasias demoníacas, das ilusões dos oráculos, dos portentos mágicos, faça uso desse sinal tão escarnecido entre eles, o sinal da cruz e apenas profira o nome de Cristo. Verá os demônios fugirem, calarem-se os oráculos, perecerem magia e feitiçaria.

4. Quem, qual é este Cristo, cujo nome e presença sempre obscurecem e aniquilam todas as coisas, sozinho é o mais forte e difunde no mundo inteiro seu ensinamento? Digam-no os gregos, que riem sem pudor.

5. Se é homem, como sozinho poderia se elevar acima de todos os seus deuses, e comprovar por seu poder que eles nada são? Se é mago, como é possível a mago destruir toda a magia, em vez de a fortalecer? Se houvesse vencido os magos, homens como são, se não tivesse triunfado a não ser de um só dentre eles, teriam podido pensar com razão que os superava por meio de arte superior.

6. Mas se a cruz de Cristo alcançou vitória sobre toda espécie de magia, até mesmo sobre o nome de magia, é evidente que mago não é o Salvador, de quem fogem os demônios invocados por outros magos, qual de um senhor?

7. Então, quem é ele? Digam-no os gregos que só cuidam de zombar. Talvez assegurem que foi demônio e daí provém sua força. Mas, com tal afirmação, tornam-se ridículos, por sua vez, e os nossos precedentes raciocínios deixam-nos suficientemente confundidos. Como pode ser demônio quem expulsa demônios?

8. Pois, se tivesse apenas exorcizado demônios, talvez se pudesse pensar que lhe vem do príncipe dos demônios o poder contra os subordinados deste último, conforme asseguravam os judeus, querendo ultrajá-lo (cf. Mt 9,34; Jo 8,48-52). Mas se apenas a invocação de seu nome exorciza e afugenta a loucura dos demônios, evidencia-se que nisso também eles se enganam e Cristo nosso Senhor e Salvador não é, conforme eles opinam, potência demoníaca.

9. Assim, pois, se o Salvador não é simples homem, nem mago, nem demônio, e a sua divindade aniquilou e obnubilou as ficções dos poetas, as fantasmagorias dos demônios, a sabedoria dos gregos, evidencia-se e todos reconhecem que ele é verdadeiramente o Filho de Deus, Verbo, Sabedoria e Poder do Pai. Por isso, suas obras não são humanas e sim super-humanas e se fazem notórias como verdadeiramente oriundas de Deus, conforme os fatos e a comparação com as obras puramente humanas atestam.

**49.** 1. Terá jamais existido homem que plasmasse para si corpo, somente de uma virgem? Que homem jamais curou doenças tais quais o comum Senhor de todos curou? Quem supriu deficiência natural, e fez cego de nascença ver?

2. Esculápio foi divinizado pelos pagãos por ter exercido a medicina e aplicado plantas no tratamento de doenças corporais. No entanto, ele não as extraiu da terra, e sim as descobriu, por meio da ciência de que era dotado naturalmente. Que dizer do Salvador, o qual não apenas curou feridas, mas formou a natureza e reconstituiu a integridade corporal?

3. Heracles é adorado como deus pelos gregos, por ter combatido seus semelhantes e com astúcia eliminado monstros. Que dizer do Verbo, a expelir do corpo humano doenças, demônios e até a própria morte? Os gregos honram Dioniso porque ensinou aos homens a embriaguez, enquanto o verdadeiro Senhor e Salvador do mundo, por ter ensinado a temperança, é objeto de suas zombarias.

4. Sobre o assunto, basta. Que narrar acerca dos outros milagres operados pela divindade? Qual a morte que provocou escurecimento do sol e terremoto? Morrem os homens até hoje e desde o começo morreram. Quando tal maravilha se produziu por causa disso?

5. Ou melhor, para calar as obras realizadas corporalmente e mencionar somente as operadas após a ressurreição do corpo, quem jamais fez sua própria doutrina dominar de uma extremidade do mundo à outra e permanecer uma só e idêntica em toda parte, a ponto de se estender seu culto através da terra inteira?

6. E se Cristo, conforme sua opinião, é apenas homem e não Deus-Verbo, por que seus deuses não impedem que se espalhe seu culto pelas regiões onde eles habitam? Por que acontece o oposto, pois o advento do Verbo com sua doutrina põe termo ao culto e cobre de confusão a vã aparência dos deuses?

### *A expansão miraculosa e a força divina do ensinamento de Cristo*

**50.** 1. Anteriormente existiram muitos reis e tiranos na terra. Contam os historiadores ter havido entre caldeus, egípcios e indianos, muitos sábios e magos. Qual dentre eles foi capaz, não digo após a morte, mas até mesmo durante a vida, de ter bastante poder para encher com seu ensinamento a terra inteira, e de afastar da superstição idolátrica tão grande multidão como nosso Salvador atraiu, apartando dos ídolos?

2. Os filósofos gregos escreveram muitos livros, compostos com eloquência e arte. Teriam sido tão convincentes quanto a cruz de Cristo? Seus sofismas até a morte conservaram força persuasiva. Mas durante a vida, o que aparentava força suscitava rivalidades, e suas discussões se transformavam até em contendas.

3. O Verbo de Deus, porém (coisa espantosa!) ensinava com palavras bem simples e superou os mais hábeis sofistas, eliminando suas doutrinas. Atraiu todos a si e encheu suas igrejas. Mais admirável ainda, sofrendo a morte enquanto homem, confutou as eloqüentes palavras dos sábios sobre os ídolos.

4. Quem, de fato, por sua morte expulsou demônios? Quem morreu de forma mais temível para os demônios quanto a de Cristo? Desde que se nomeia o Salvador, os demônios fogem. Quem eliminou as paixões da alma a ponto de transformar impudicos em castos, de fazer com que homicidas larguem da espada, de mudar tímidos em corajosos?

5. Quem persuadiu bárbaros, habitantes de regiões pagãs, a renunciarem ao furor e conceberem pensamentos de paz, senão a fé em Cristo e o sinal da cruz? Quem transmitiu aos homens fé na imortalidade quanto a cruz de Cristo e a ressurreição de seu corpo?

6. Apesar de todas as suas mentiras, os gregos não foram capazes de imaginar uma ressurreição de seus ídolos, nem de forma alguma pensar que o corpo pudesse reviver após a morte. Nisto, aliás, é possível aprová-los porque este pensamento convence de fraqueza a idolatria e oferece oportunidade a Cristo de se dar a conhecer a todos como Filho de Deus.

**51.** 1. Quem após a morte, ou até durante a vida, ensinou a virgindade e estimou não ser impossível aos homens a prática de tal virtude? Ora, o ensinamento de nosso Salvador e rei universal, Cristo, sobre o assunto, foi bastante poderoso para que até crianças antes de atingirem a idade legal, professassem a virgindade, superior à lei.

2. Quem pode percorrer tais distâncias e ir à busca dos citas, etíopes, persas, armênios, godos, dos que habitam, como se conta, a região além do Oceano, ou além da Hircânia, dos egípcios e caldeus, povos praticantes da magia, extremamente supersticiosos, de costumes selvagens, a fim de pregar-lhes a virtude, a continência, o abandono do culto idolátrico, conforme fez o Senhor de todos, o Poder de Deus, nosso Senhor Jesus Cristo?

3. Ele não somente pregou através de discípulos, mas ainda os dissuadiu interiormente da selvageria de seus costumes, do culto dos deuses de seus pais e, ao invés, induziu-os a reconhecê-lo e por seu intermédio adorar o Pai?

4. Outrora eles eram idólatras. Gregos e bárbaros guerreavam-se mutuamente, cheios de crueldade até para os de sua raça. Era impossível atravessar a terra ou o mar, sem uma espada à mão, por causa das lutas irredutíveis entre eles.

5. Passavam a vida sob as armas, a espada lhes servia de bastão, de sustento, de único recurso. E no entanto, segundo mencionei acima, serviam os ídolos, sacrificavam aos demônios. No entanto, essa idolatria supersticiosa em nada se prestava à reforma de sua maneira de pensar.

6. Ao adotarem, porém, a doutrina de Cristo (então, coisa maravilhosa!), realmente compungidos no seu íntimo, renunciaram à crueldade dos assassinios, sem cogitar mais de guerra. Tudo entre eles tornou-se pacífico e nada mais desejavam que a amizade.

52. 1. Quem realizou tudo isso, aproximou pacificamente povos que se odiavam, senão o bem-amado do Pai, o Salvador comum, Jesus Cristo, que no seu amor tudo suportou por nossa salvação? Há muito profetizara a Escritura que ele traria a paz, nesses termos: “Quebrará as suas espadas, transformando-as em relhas, e suas lanças em foices. Uma nação não levantará a espada contra outra, nem se aprenderá mais a guerra” (Is 2,4).

2. Tal coisa não é incrível, pois ainda agora os bárbaros, de costumes naturalmente selvagens, que sacrificam a seus ídolos, enfurecem-se uns contra os outros e não toleram ficar uma hora desarmados de espadas.

3. Ao ouvirem, porém, a doutrina de Cristo, logo deixam a guerra e dedicam-se à agricultura. Em vez de com as mãos tomar da espada, estendem-nas para a oração. Em resumo, em vez de se guerrearem mutuamente, munem-se contra o diabo e os demônios e vencem-nos pela temperança e a virtude da alma.

4. Constitui sinal da divindade do Salvador o fato de que os homens dele aprenderam o que os ídolos não lhes haviam ensinado. Esta comprovação da fraqueza e nulidade dos demônios e ídolos não carece de importância. Conhecedores da debilidade humana, os demônios os incitavam outrora à guerra entre si, a fim de não suceder que, terminadas as contendas, dirigissem a luta contra os próprios demônios.

5. Assim, os discípulos de Cristo, que já não se combatem mutuamente, opõem-se aos demônios, por meio de costumes e ações virtuosas, afugentam-nos, escarnecem-lhe o chefe, o diabo. Na juventude, guardam a temperança, nas provações a paciência, nos sofrimentos a capacidade de suportar. Toleram as injúrias, desprezam as espoliações e o que é admirável, desdenham a própria morte e tornam-se mártires de Cristo.

53. 1. Acrescentemos ainda sinal mais admirável da divindade do Salvador. Jamais houve homem, mago, tirano, rei capaz de assumir tamanha empresa



qual a de combater a idolatria e o exército dos demônios, a magia, a sabedoria grega, tão poderosa, ainda no auge do vigor, causa de geral admiração, capaz, digo, de se opor a todos, num só ataque, como o fez nosso Senhor, o Verbo de Deus verdadeiro? Refutava invisivelmente cada erro, só contra todos, afastando-os dos erros, de sorte que os adoradores dos ídolos agora calcam-nos aos pés, os admiradores dos magos queimam-lhes os livros, os sábios preferem a interpretação do evangelho a tudo.

2. Renunciam aos deuses antes adorados, e adoram aquele que ridicularizavam, Cristo crucificado, professando que é Deus. São expulsos os que eram tidos na conta de deuses, pelo sinal da cruz. O Salvador crucificado é proclamado por toda a terra Deus e Filho de Deus. Os próprios gregos rejeitam envergonhados os deuses que adoravam; e os que acolhem o ensinamento de Cristo levam vida mais honesta que a daqueles.

3. Se todas essas realidades, e outras semelhantes, não passam de coisas humanas, que se nos apresentem provas de que fatos idênticos sucederam outrora. Se evidentemente tais feitos não são próprios dos homens, e sim obras divinas, por que continuam tão ímpios os infiéis, sem aceitarem o Mestre que as operaram?

4. Erram tanto quanto os que não descobrem a Deus Criador por meio das obras criadas. Se tivessem crido na divindade por seu poder sobre todas as coisas, teriam igualmente visto que as obras operadas por Cristo corporalmente não são obras humanas, e sim do Salvador de todos, o Verbo de Deus. E se o tivessem reconhecido, segundo a palavra de Paulo: “Não teriam crucificado o Senhor da glória” (1Cor 2,8).

*Conclusão: a universalidade efetiva da encarnação*

54. 1. Se alguém quer ver a Deus, invisível por natureza, e que de forma alguma pode ser visto, há de apreendê-lo, conhecê-lo por suas obras. Igualmente quem não vê espiritualmente Cristo, vá se tornando ciente por meio de suas obras corporais, e examine se derivam de homem ou de Deus.

2. Se originárias de homem, ria-se delas; se, porém, não se trata de obras humanas, e sim de Deus, aceite, não se ria daquilo de que não se zomba. Ou melhor, admire-se de terem realidades divinas aparecido através de meios

tão simples e de se ter a imortalidade, através da morte, estendido a todos; aprecie que a encarnação do Verbo nos tenha tornado notórios a providência universal e o Verbo de Deus, regente de coro e demiurgo.

3. Ele se fez homem para que fôssemos deificados; tornou-se corporalmente visível, a fim de adquirirmos uma noção do Pai invisível. Suportou ultrajes da parte dos homens, para que participemos da imortalidade. Com isso nenhum dano suportou, sendo impassível e incorruptível, o próprio Verbo e Deus.<sup>[18]</sup> Mas, em sua própria impassibilidade guardou e preservou os homens sofredores, em prol dos quais tudo isso suportara.

4. Numa palavra, as ações do Salvador se realizaram depois da encarnação, tais e tão grandes que os que pretenderem narrá-las hão de assemelhar-se aos que contemplam a amplidão do mar, buscando contar-lhe as ondas. Da mesma forma com que não se abraça com o olhar o conjunto das ondas, pois à medida que elas chegam, superam a percepção de quem experimenta contá-las, também quem quisesse abranger as ações corporais de Cristo, nem pelo pensamento consegue apreendê-las, pois as que ultrapassam sua compreensão apresentam-se em maior número do que as que julga ter entendido.

5. É preferível não falar de tudo que vês, pois até mesmo uma só parte seria inexprimível, mas deves relembrar um ponto e admirar globalmente o todo. Pois o conjunto é igualmente admirável, e para onde quer que dirijas o olhar, ficas estupefacto divisando a divindade do Verbo.

*Conclusão geral: exortação ao estudo da Escritura e à prática das virtudes*

55. 1. Após tudo que dissertamos, aprende o que vem em seguida, tendo-o por princípio de todos esses discursos. Admira-te de que, por ocasião da aparição do Salvador, a idolatria não se desenvolve, mas o restante diminui e cessa progressivamente. A sabedoria dos gregos não progride, mas tende a desaparecer. Os demônios não mais seduzem os homens com suas fantasmagorias, a adivinhação e a magia e desde que ousam empreender algo, são confundidos pelo sinal da cruz.

2. Em resumo, vê como a doutrina do Salvador se propaga, enquanto a idolatria e qualquer oposição à fé de Cristo diminui cada dia, debilita-se e

cai. Ao contemplar tudo isso, adora o Verbo, Salvador de todos e Deus todo poderoso. Condena os que ele rebaixa e faz desaparecer.

3. Da mesma forma que ao raiar do sol as trevas desvanecem e ele expulsa o pouco que delas restar em algum canto, igualmente a divina aparição do Verbo dissipa as trevas da idolatria e o universo fica iluminado com sua doutrina.

4. Se acaso um rei não aparece, mas fica dentro de casa, muitas vezes cidadãos sediciosos abusam de sua ausência, proclamam-se reis e com disfarce iludem os simples, passando por verdadeiros reis. E assim, os cidadãos são iludidos por este nome. Ouvem dizer que existe um rei, mas não o vêem, porque nem podem entrar em sua morada. Quando, porém, aparece o genuíno rei e se manifesta, sua presença convence de mentira a esses rebeldes e os outros, diante do rei verdadeiro, apartam-se de seus sedutores.

5. Assim, os demônios há muito seduziam os homens, atribuindo a si mesmos honras divinas; entretanto, com a aparição corporal do Verbo de Deus que trouxe o conhecimento de seu Pai, dissipou-se, cessou a ilusão demoníaca. Os homens em presença do Deus verdadeiro, Verbo do Pai, renunciam aos ídolos e de ora em diante acolhem o Deus verdadeiro.

6. Eis uma prova de que Cristo é o Verbo, Deus, Poder de Deus. Uma vez que passam as realidades humanas e a palavra de Cristo permanece, evidencia-se em geral que terminou o que é transitório. Subsiste, contudo, Deus, o Filho de Deus, o Verbo realmente unigênito.

**56.** 1. Eis o que te apresento brevemente, amigo de Cristo, acerca dos elementos e do caráter da fé em Cristo e da divina manifestação entre nós. Sirva-te a oportunidade, se começas a estudar a Escritura, para aplicar o espírito nessas questões e apreenderás de forma mais completa e clara a exatidão de nossas asserções.

2. Esses textos foram proferidos e escritos, da parte de Deus, por homens que dele nos falam. E nós os recebemos desses mestres divinamente inspirados, testemunhas da divindade de Cristo. A ti nós os transmitimos, tentando satisfazer teu desejo do saber.

3. Ficarás ciente também de seu segundo advento, glorioso e realmente divino, quando não virá mais na simplicidade, mas na glória que lhe pertence. Não mais com humildade, e sim na grandeza que possui. Vem, não para sofrer e sim no intuito de comunicar a todos os benefícios da morte na cruz, isto é, a ressurreição e a incorruptibilidade. Então, não será julgado, mas julgará a todos os homens sobre as ações que cada qual tiver praticado na vida corporal, boas ou más; em seguida, o reino dos céus está reservado aos bons, e quanto aos que praticaram ações más, irão para o fogo eterno e as trevas exteriores.

4. Pois o próprio Senhor assim se exprime: “Eu vos digo que de ora em diante, vereis o Filho do Homem sentado à direita do Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu” (Mt 26-64), na glória do Pai.

5. Por esta razão, é salutar que o Verbo nos previna relativamente a esse dia e nos diga: “Estai preparados e vigiai, porque não sabeis em que hora virá” (Mt 24,42-44). Efetivamente, segundo declara são Paulo: “Porquanto todos nós teremos de comparecer manifestamente diante do tribunal de Cristo, a fim de que receba cada um a retribuição do que tiver feito durante a sua vida, seja para o bem, seja para o mal” (1Cor 5,10).

57. 1. Mas, além do estudo das Escrituras e da ciência genuína, importa a vida honesta, a pureza da alma e a virtude segundo ensina Cristo, a fim de que o espírito, seguindo tal caminho, possa obter e aprender o que deseja, tanto quanto é possível à natureza ser instruída acerca do Verbo de Deus.

2. Se alguém quer ver a luz do sol, forçosamente há de enxugar e iluminar o olho, purificando-o para tornar um tanto semelhante ao objeto desejado. Um olho transformado em luz veja a luz do sol. Quem quiser contemplar uma cidade ou região deve ir aonde está localizada. Assim, no intuito de se entender o pensamento dos teólogos, deve-se pelo modo de viver purificar e lavar a alma, assemelhar-se aos santos nas ações, a fim de que, unidos a eles pela conduta, se compreenda o que Deus lhes revelou. Unido a eles, evite-se o perigo que ameaça os pecadores, o fogo que os aguarda no dia do julgamento e receba-se a recompensa reservada aos santos no reino dos céus, “o que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o que o coração do homem não percebeu”. Isso Deus prepara para os que vivem virtuosamente e amam seu Deus e Pai, em Cristo Jesus nosso Senhor, por

quem e com quem seja a ele o Pai, com ele, o Filho, no Espírito Santo,  
honra, poder e glória nos séculos dos séculos. Amém.

## NOTAS

[1] Esta afirmação de que o mesmo Verbo do Pai é criador e salvador dos homens era tradicional na apologética cristã desde o século II. O que é mais original aqui é que “O tratado sobre a encarnação examina a manifestação do Verbo do Pai não mais na alma do homem ou no criado, mas no corpo, como coroamento da obra de Deus e via suprema para o conhecimento de Deus. (...) Esta obra é uma criação original de Atanásio e a primeira tentativa de expor organicamente a fé cristã tomando como ponto de referência a manifestação do Verbo na carne” (Enzo Bellini. *L’Incarrazione del Verbo. Collona di testi patristici 2*. Roma, Città Nuova Editrice, 1993, p. 11)

[2] Se Atanásio exclui O Pastor de Hermas do cânon das Escrituras e o recomenda apenas como livro paracanônico, cf. Carta Festal 39, de 367, para muitos outros Padres, Orígenes, por exemplo, era livro inspirado.

[3] Atanásio quer justificar a necessidade da Encarnação: o pecado é a causa da vinda do Verbo: o Verbo se encarnou principalmente para pagar a dívida que tínhamos. Graças à encarnação, a alma é regenerada, criada de novo à imagem de Deus.

[4] Descrição trágica do pecado que acarretou para os homens sentença de morte, subjugação à morte, ameaças de aniquilamento. Verdadeira tragédia se abateu sobre os homens.

[5] Atanásio descreve a progressão do mal, sublinhando a responsabilidade pessoal dos homens no seu asujeitamento ao mal.

[6] Em todos os números 6,1-10, Atanásio procura mostrar a necessidade e a conveniência da redenção do homem mediante a encarnação. Não convinha a Deus nem abandonar, nem perder o homem.

[7] Atanásio quer mostrar, neste número 7, a profundidade do pecado revelando assim porque não basta o arrependimento do homem. Como a corrupção atingiu os homens em seu ser, foi necessário providenciar-lhes

um acesso ao estado de incorruptibilidade inteiramente diferente daquele que se encontrava em Gn 2.

[8] O texto quer evidenciar a realidade da encarnação. Talvez pensando contra os gnósticos para quem o corpo de Jesus era apenas aparente e não real. A concepção virginal é para Atanásio a garantia da absoluta transcendência do Logos sobre seu corpo, vista como iniciativa gratuita do Salvador. Deve-se notar a insistência na expressão do corpo como instrumento que, na tradição patrística mais antiga, só se encontra em Tertuliano mais explicitamente esta noção, é uma singularidade de Atanásio.

[9] “Para Atanásio, o cristianismo consiste na vinda do Verbo de Deus na carne para restituir ao homem o conhecimento de Deus comprometido pela culpa, contra a imortalidade e a incorruptibilidade originárias à imagem de Deus” (Enzo Bellini, op. cit.,14).

[10] O verbo, imagem perfeita do Pai, pelo qual Deus criara o homem, agora recria o homem restaurando nele a imagem autêntica.

[11] Note-se a insistência de Atanásio em sublinhar a função salvadora do corpo, da necessidade do Verbo em assumir um corpo para poder testemunhar pelas obras corporais a vontade de redimir os homens. Conforme Atanásio, Deus não parece ter outro meio de operar este socorro senão pela encarnação, de “residir na terra como homem”. Veja 20,1. Contudo, jamais Atanásio menciona a existência da “alma de Cristo”. Sobre as razões deste silêncio, cf. Charles Kannenbiesser, Athanase d’Alexandrie. Sur L’incarnation du Verbe. Col. Sources Chrétiennes, n° 199. Paris, Éd. Du Cerf, 1973, pp. 149-153.

[12] Insistindo a cada passo na realidade do corpo, Atanásio, quer deixar claro que o Verbo, apesar da realidade da encarnação, não ficou adscrito a esse corpo. Sua ação de vigilância providencial sobre todo o universo não se encolheu com a encarnação, mas continuou a se exercer em plenitude. Ainda sobre a questão de não fazer menção da alma humana de Cristo veja P. Galtier, “Saint Athanase et l’âme humaine du Christ”, in *Gregorianum* 36, 1955, pp. 553-589.

[13] Mais uma vez, Atanásio evidencia a necessidade da morte do Verbo como solução definitiva para a restauração dos homens.

[14] A integridade do corpo de Cristo na morte é vista como símbolo da integridade do corpo da Igreja que é continuamente ameaçada pelos heréticos que a querem dilacerar. Provavelmente aqui Atanásio alude aos arianos. Veja J. Lebon “Une ancienne opinion sur la condition du corps du Christ dans la mort”, in *Rivue d’Histoire Ecclésiastique*, 23, 1927, pp. 5-43; 209-241.

[15] Já a Didaqué 16,6 e Ireneu, *Contra as heresias* 5,17,3, e muitos outros Padres, testemunham o emprego do simbolismo das mãos e braços estendidos.

[16] A subida das almas dos mortos para as regiões celestes com as expressões “os que procuram subir”, “abrir-nos o caminho para a subida ao céu” e “reabriu para nós o caminho para o céu” é um dos temas mais universalmente recebidos da religião antiga. Note-se o contraste: enquanto as almas dos remidos “sobem”, “satanás cai do céu como um relâmpago”.

[17] A apreciação favorável à opinião dos filósofos gregos sobre o “grande corpo” do cosmo identificado com a divindade por alguns pseudos - sábios antigos, deixa de lado o traço do panteísmo, mas retém a idéia estoica da Providência.

[18] Encontramos neste número uma espécie de síntese e o objetivo último da encarnação: o Verbo se fez homem para que nos tornássemos deuses. Assim, a encarnação é já um ato salvífico. Do momento em que se uniu ao nosso corpo, à nossa carne, nos santifica, nos cura e nos ensina através dela. Se seus milagres demonstram seu poder divino, sua vida de dores e sofrimento é sacrifício pela nossa redenção, como paga de nosso débito, para nos abrir a via do céu.